

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Março - 2021
Ano LXXII - Nº 1
R\$ 9,00

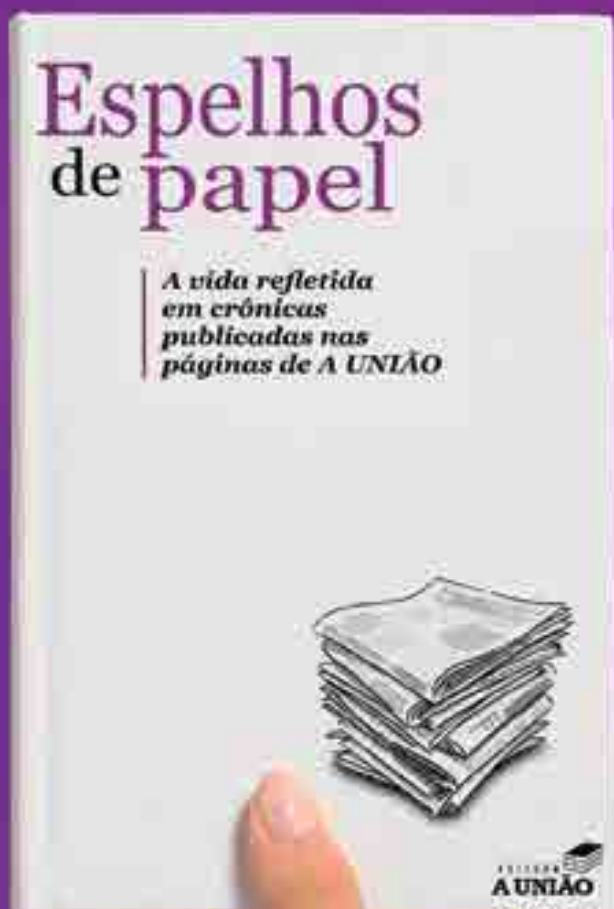


Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00



Meu sublime compositor

Há 100 anos nascia Genival Macêdo,
autor do hino 'Meu sublime torrão'
e do clássico 'Micróbio do frevo'



Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

R\$30,00

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

AUNIÃO

EDITORA
A UNIÃO

EPC
EMPRESA PARAGUANA
DE COMUNICAÇÃO

As belezas mil de Genival Macêdo

É justo - e oportuno - que o Governo do Estado dedique a edição 2021 do Festival de Música da Paraíba a Genival Macêdo (1921-2008), como forma de homenagear o compositor paraibano na passagem de seus 100 anos, a realizar-se neste dia 29 de março.

Justo porque Genival - retratado na capa, com capricho, pelo artista Tônio em um óleo sobre tela exclusivo - ainda é um personagem de pouco reconhecimento público. Autor de uma canção que tocara, e bastante, ao longo do século, 'Meu sublime torrão' se tornaria, oficialmente, o hino popular da cidade de João Pessoa, por cantar, com sublime afeto, "a namorada do meu Brasil".

Mas Genival Macêdo não foi um autor de uma música só: compôs dezenas, e boa parte fez sucesso, e se tornou um marco histórico, como é o caso de 'Micróbio do frevo', pilar do gênero que tem força e berço em Pernambuco, para onde o paraibano se mudaria

Resta à Paraíba, a partir do Festival de Música da Paraíba, enaltecer o legado de um compositor que fez, do torrão chamado João Pessoa, uma canção sublime, e eterna.

e construiria boa parte de sua carreira.

Carreira essa que não fica só na composição, mas também nos bastidores artísticos. Como diretor artístico da prestigiada gravadora Copacabana, seria o responsável por dar asas à Jackson do Pan-deiro, projetando a carreira do conterrâneo nacionalmente.

Em troca, o Rei do Ritmo gravaria canções do "padrinho", vamos chamar assim, que se tornariam grandes "hits" de sua carreira, como 'A mulher do Aníbal', além da citada 'Micróbio do frevo'.

E é oportuno uma vez que, conforme revela o neto do compositor, Paulo Germano, na matéria de capa que o leitor irá encontrar nas próximas páginas, em função da pandemia de coronavírus, a família está impossibilitada de celebrar o centenário de Genival Macêdo à altura do homem que foi o autor de 'Meu sublime torrão'.

Sendo assim, só resta à Paraíba, a partir do festival - que já celebrou a memória do próprio Jackson e de Sivuca -, enaltecer o legado de um compositor que fez, do torrão chamado João Pessoa, uma canção sublime, e eterna.

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



MEMÓRIA

Em artigo exclusivo, historiador José Octávio de Arruda Melo recorda o constitucionalista paraibano Paulo Bonavides, morto em 2020.



CERVANTES

O escritor e acadêmico Thélío Queiroz Farias discorre sobre a participação da mulher na obra do autor de 'Dom Quixote'.



GARCIA LORCA

Os motivos que teriam levado ao assassinato do poeta Federico Garcia Lorca são postos à mesa pelo pesquisador Irani Medeiros.



CLARISSER

Escritor cubano, autor do texto "Eu queria ser Paul Auster", é o tema da coluna da professora Analice Pereira, que analisa o livro 'Água Por Todos Os Lados'.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.
Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Tonio
ARTE DA CAPA

HÁ 100 ANOS NASCIA Genival Macêdo

*Autor de 'Meu sublime torrão' e 'Micróbio do frevo',
compositor paraibano será o grande homenageado do
Festival de Música da Paraíba 2021*

Alexsandra Tavares

lekajp@hotmail.com

Ele é autor do hino popular da cidade de João Pessoa, bem como de um dos frevos mais importantes da música popular brasileira. O homem que projetou a carreira nacional de Jackson do Pandeiro e uma das primeiras estrelas da Rádio Tabajara, completaria 100 anos de vida neste mês de março. A data será lembrada pelo Governo do Estado através do Festival de Música da Paraíba, que será realizado em setembro, homenageando o compositor paraibano.

Genival Macêdo tem muitos méritos artísticos. Apaixonado por canções carnavalescas, foi um artista de vanguarda, versátil e inovador. Seu trabalho se tornou imortal, e até hoje ecoa nas vozes de importantes nomes da música popular brasileira.

Nascido em 29 de março de 1921, Genival Macêdo era o filho primogênito de uma família de sete irmãos. Sempre mostrou-se irrequieto, inteligente e com dons artísticos. Aluno do colégio Marista Pio X, na capital paraibana, desde cedo começou a fazer sonetos que arrancavam admiração da família, amigos e mestres. Ainda bem jovem, aos 16 anos, sentado em um banco do Parque Solon de Lucena (a popular Lagoa), compôs 'Meu sublime torrão', considerada sua obra maior. Nessa canção, ele expressa o amor a João Pessoa, e declara que "Num recanto bonito

do Brasil / Sorri a minha terra amada / Onde o azul do céu / É mais cor de anil / Onde o sol tão quente / Parece mais gentil...".

Gravada em 1937 por Déo e a Orquestra Tabajara, do maestro pernambucano Severino Araújo, a letra e a melodia encantaram não apenas os pessoenses, mas todos os paraibanos, tornando-se o hino popular de João Pessoa através da Lei de nº 1.601, promulgada em 16 de março de 1972 pelo então prefeito Dorgival Terceiro Neto a partir da iniciativa da Câmara Municipal da Capital.

Na voz da cantora Elba Ramalho, a música ficou ainda mais eternizada. "Tive a honra de tocar na sua obra ao gravar 'Meu sublime torrão', embora não seja o hino oficial da Paraíba, asseguro que é o hino mais bonito de todos nesse Brasil", assegura a cantora paraibana.

Elba Ramalho ainda falou sobre a contribuição de Genival para a música brasileira: "Todo paraibano conhece Genival Macedo, e eu ainda mais; por ser filha de músico. Meu pai era pernambucano, tocava sax e adorava frevo. Conhecia todas as músicas de Genival. A sua contribuição para a nossa música é imensa, ele ajudou a construir a identidade da Paraíba. Um legado maravilhoso".



FOTO-REPRODUÇÃO

QUASE 100 COMPOSIÇÕES

O filho de Virgínia Macedo Lins e Francisco Lins de Melo certamente teria dado outras contribuições à música popular brasileira se uma parada cardíaca não o tivesse tirado dessa vida em junho de 2008, aos 87 anos. Ao longo da jornada, Genival deixou um grande e reconhecido trabalho. Foram quase 100 composições de músicas carnavalescas.

No seu repertório estavam não apenas o frevo, ritmo pelo qual era apaixonado, mas também samba-canção, choro e hinos. “Ele era de frevo e de rojão. Escrevia com muito talento, dedicação, muita inclinação afetiva, tendência, definição e ritmo excessivo. É nossa história de corpo e alma. Sempre dominou isso muito bem”, declarou Biliu de Campina.

O forrozeiro acrescentou que a versatilidade dos compositores da época era notória, “livre desse mercantilismo que domina por aí”. Para Biliu, música não se fabrica, música é fonte de inspiração. “Eu só faço música inspirado, não fabrico e nem é necessário fabricar. É só se inspirar em bons cantores, pessoas que têm propósito em propagar a história popular e nordestina como Genival”, acrescentou.

FOTO: EVANDRO PEREIRA/A UNIÃO



Biliu de Campina sobre Genival Macêdo: “Ele era de frevo e de rojão”



Meu Sublime Torrão

(Genival Macêdo)

Num recanto bonito do Brasil,
Sorri a minha terra amada...
Onde o azul do céu
É mais cor de anil...
Onde o sol tão quente
Parece mais sutil...

Lá, eu nasci e me criei;
Fiz canções e amei,
Sempre tive inspiração...

Lá... no Nordeste imenso...
Tem um fulgor intenso,
Meu sublime torrão!

A minha terra,
Que só encerra,
Belezas mil;
Pode ser chamada,
A namorada
Do meu Brasil!

Minha terra tem

Composta em 1937 por um jovem Genival Macêdo, de apenas 16 anos, ‘Meu sublime torrão’ ganhou dezenas de interpretações a partir da gravação que o cantor carioca Déo (nascido Ferjalla Rizkalla, 1914-1971) fez com a Orquestra Tabajara e lançada em compacto em 1937.

De lá para cá, foram muitos os intérpretes a cantar que “Num recanto bonito do Brasil, sorri a minha terra amada...”: Elba Ramalho (foto acima), Marinês, Xangai, Renata Arruda, Carlos Allan, além de versões instrumentais gravadas pelo Quarteto de Trombones da Paraíba.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

O cantar dos passarinhos,
Na lagoa, os gansinhos,
Com seu nado devagar;
As pequenas tão gentis,
Ostentando seus perfis
Numa noite de luar...

Não tem a fama da baiana,
Mas a paraibana
Sabe amar, tem sedução;

Paraíba hospitaleira,
Morena brasileira,
Do meu coração.

Na voz do crooner paraibano Jairo Aguiar, por exemplo, a música acabou ganhando espaço no EP promocional do Clube Cabo Branco (no alto), abrindo o Lado B da bolacha, em arranjo executado pela Orquestra Promodisc.



Através do QR Code,
ouça a versão de
Elba Ramalho para
‘Meu sublime torrão’

PARTICIPAÇÃO NA RÁDIO TABAJARA

No mesmo ano em que Genival Macêdo compôs *Meu Sublime Torrão*, 1937, a Rádio Tabajara foi inaugurada. Então ele, juntamente com Jayme Bezerra e Paulo Barbosa formaram o “Trio Irmãos do Ritmo”, que passou a atuar na emissora, alcançando muito sucesso. Na década de 40, o compositor paraibano dirigiu o programa radiofônico “Um Instantâneo Artístico da Vida Social de João Pessoa”, que ia ao ar aos domingos. Neste trabalho, ele teve ao seu lado Dulce Carneiro, sobrinha do então governador Rui Carneiro, e passou a conviver com mais frequência com os artistas da época.

Mais tarde, a Paraíba tornou-se pequena demais para Genival, que ganhou ares cosmopolita e expandiu sua arte para outros estados do país. Foi morar em Pernambuco, onde destacou-se no carnaval local, e depois no Rio de Janeiro.

O radialista e também compositor paraibano, Hugo Martins, 80 anos, que comanda há 45 um programa de frevo em uma rádio pernambucana, afirmou que Genival Macêdo foi um dos maiores compositores de frevo de Pernambuco. “Ele começou a gravar bem cedo, passou muito tempo em Pernambuco, e fazia frevos bem alegres, que alcançaram sucesso nos anos 50, 60 e 70. Foi um dos principais compositores pernambucanos de frevo e está na mesma linha de Capiba e Nelson Ferreira”.

Hugo Martins declarou que na ocasião, o frevo vivia os áureos tempos, e as emissoras de rádio tocavam com frequência esse ritmo musical. Atualmente, porém, ele lamenta o fato de não escutar mais estas músicas nas grades das empresas radiofônicas. “Hoje em dia, ninguém aqui dá valor ao frevo. Só eu faço um programa de frevo todos os dias, na rádio da universidade federal. Homenageio vários compositores, entre eles o Genival Macêdo”.

“A IMAGEM QUE TENHO DELE É SEMPRE TOCANDO UMA VIOLA E FAZENDO MÚSICA”

As reuniões em família sempre com muita música e alegria na casa onde morava em Boa Viagem é uma das lembranças que o neto de Genival Macêdo, Paulo Germano Filho, 40 anos, tem do avô. “A imagem que tenho dele é sempre tocando uma viola e fazendo música”, revelou.

Paulo, que é engenheiro de áudio, conta que a família toda é muito musical e tiveram influência de Genival. O pai de Paulo, o produtor Paulo Germano, morto em 2011, fez vários trabalhos acompanhado do compositor paraibano. “Os dois eram muito ligados. Meu avô costumava ir para minha casa para meu pai gravar as coisas dele. Eu também tenho meu estúdio e sempre atuei nessa área”.

Os demais integrantes da família que não são músicos, de acordo com Paulo, apreciam boas canções. “Certamente meu avô teve influência no que eu gosto de fazer, e o resto da família é louco por música”.

Entre as diversas composições do avô paterno, ele conta que a sua canção preferida é a *Micróbio do Frevo*. “É a que mais gosto e tive o prazer de gravar com o arranjo do Maestro Clóvis Pereira para a *Spokfrevo Orquestra*”, revelou o engenheiro de áudio, e acrescentou. “O que faz dela mais especial é o fato de ser a mais conhecida e uma das que mais ouvi do meu avô”.

No contexto de pandemia, a família decidiu não se mobilizar para realizar atividade ou evento público no centenário de Genival Macêdo. A ideia é preservar a memória e o legado do patriarca entre os parentes, sem qualquer exposição. “Até porque a minha vó, esposa dele, está bem velhinha. É complicado fazermos alguma coisa nesse sentido”.

Homenagens

Um mês após sua morte, em julho de 2008, Genival Macêdo, recebeu, postumamente, a medalha Augusto dos Anjos pelo reconhecimento do seu valor cultural. A propositura foi do deputado estadual Branco Mendes.

Ele foi um dos artistas contemplados com o Registro dos Mestres das Artes (Rema) – a Lei Canhoto da Paraíba, concedida, pelo Estado, aos artistas que contribuíram para a cultura local.

Em 2011, a mesa diretora da Câmara Municipal de João Pessoa concedeu ao artista a medalha Ariano Suassuna, uma das mais importantes comendas do legislativo. O compositor é um dos integrantes da coletânea *Tabajara 65*, a Rádio da Paraíba, lançada pelo Governo em 200, publicada por A União.

GENIVAL, JACKSON E O FREVO

Genival Macedo chegou a Pernambuco com certa bagagem musical vivenciada em João Pessoa, já que havia sido integrante de um trio vocal e feito programa de rádio. No início dos anos 50, ele levou para o estúdio da Rádio Jornal do Comércio um pandeirista que havia conhecido em Campina Grande. Foi assim que Genival passou a assinar a produção das dez primeiras músicas gravadas por Jackson do Pandeiro.

Entre as composições de Genival, Jackson gravou 'Micróbio do frevo', considerado peça antológica da frevologia pernambucana. Anos depois, a canção foi gravada por Gilberto Gil e está registrada no CD duplo *100 Anos do Frevo*, da gravadora Biscoito Fino.

O disco comemorativo foi lançado em 2007. O artista baiano, falou da importância de Genival no cenário nacional. "Genival Macedo foi um dos grandes músicos e compositores dedicados aos gêneros eminentemente nordestinos, especialmente ao gênero pernambucano: o frevo. Para o qual ele compôs coisas maravilhosas, um fornecedor de repertório para muitos artistas, inclusive para Jackson do Pandeiro", afirmou Gilberto Gil.

O músico Silvério Pessoa, que realizou trabalhos sobre o carnaval pernambucano, contou que a influência de Genival Macedo na carreira de Jackson é reconhecida pela própria esposa do pandeirista. "Tive uma convivência muito fraterna com a viúva de Jackson, a Almira Castilho. Ela confirmou que a imersão de Jackson no frevo teve um forte impulso de Genival Macedo", declarou.

O segundo projeto de Silvé-

rio na área carnavalesca chama-se *Micróbio do Frevo Batidas Urbanas*. "Foi aí que conheci Genival Macêdo aqui no Recife. Era extremamente bem-humorado, generoso e uma pessoa humana. Quando fui procurá-lo para falar sobre o 'Micróbio do frevo', ele me recebeu muito bem. Nos poucos encontros que tivemos, foi muito acolhedor. Usava um chapeuzinho e estava sempre sorridente", recordou o músico.

Ao chegar no Rio de Janeiro, trazido por Genival Macêdo, que na ocasião era produtor de discos pela produtora Copacabana,

Jackson e Genival, a caminho do Rio de Janeiro: imersão do Rei do Ritmo no frevo teve um forte impulso do conterrâneo



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Gilberto Gil regravou 'Micróbio do frevo': 'Genival Macêdo foi um dos grandes músicos e compositores dedicados aos gêneros eminentemente nordestinos'



Silvério Pessoa encontrou-se algumas vezes com Genival Macêdo, no Recife: 'Era extremamente bem-humorado, generoso e uma pessoa humana'



Jackson do Pandeiro gravou inúmeros outros sucessos. Entre elas está a canção "A mulher do Aníbal", outra composição de destaque de Genival que, mais tarde, foi revisitada por Chico Buarque e Zeca Pagodinho. Depois da chegada à Cidade Maravilhosa, Jackson não parou mais, despontando como um dos maiores cantores da música popular brasileira dos últimos tempos.

Genival ainda foi empresário de vários outros nomes de destaque nacional, a exemplo de Altamar Dutra, Ângela Maria, Clara Nunes, Miltoninho e Isaurinha Garcia.

O PAI DO 'MICRÓBIO DO FREVO'

José Teles

Especial para o *Correio das Artes*

A Silvério Pessoa cabe o mérito de redescobrir o autor de *Micróbio do Frevo*, o paraibano Genival Macêdo. Ele foi produtor e parceiro de Jackson do Pandeiro, a quem conheceu em 1945, como músico amador, em um cabaré de Campina Grande.

Mesmo que não fosse autor de, entre outras, *A Mulher do Aníbal* (gravada por Jackson do Pandeiro e recentemente por Chico Buarque e Zeca Pagodinho), ou *Meu Sublime Torrão*, *Hino Oficial de João Pessoa* (Gravada por Elba Raimalho), Macêdo teria lugar assegurado na história da música popular brasileira como criador do primeiro trio elétrico. Em 1945 (seis anos, portanto, antes do trio baiano de Dodô e Osmar), ele aparelhou um Chevrolet 1939 com um enorme alto-falante e saiu pelas ruas de João Pessoa tocando frevos e marchinhas: "A diferença é que não era ao vivo. A gente levava um passa-discos. O povo gostava, vinha dançando atrás", recorda.

Macêdo compôs sua primeira canção aos 16 anos: "Meu Sublime Torrão". A canção foi gravada, em 1937, por Déo e a Orquestra Tabajara, do maestro



No carnaval de 1943, Genival Macêdo saiu pelas ruas de João Pessoa com um carro de som tocando frevo

pernambucano Severino Araújo, e acabou consagrada como hino oficial popular da capital da Paraíba.

Como representante da gravadora Copacabana na região, Genival Macêdo, que já havia feito programas de rádio e participado de um trio vocal (Os Irmãos do Ritmo) em João Pessoa, passou a conviver diariamente com artistas. Foi nessa época, 1953, que trouxe para o estúdio da Rádio Jornal do Comércio (atual Rádio Jornal), no quinto andar

AVÔ DO TRIO ELÉTRICO

O Carnaval sempre foi uma das paixões de Genival Macedo. Em 1943, ele e seu irmão, Gilvan, caíram na folia nas ruas de João Pessoa trazendo uma curiosa invenção: um caminhão Chevrolet 1939, com som amplificado, que saiu pelas ruas da cidade tocando frevo e chamando a atenção de todos. Naquela época, ninguém imaginava, mas a engenhoca era a precursora do famoso Trio Elétrico, popularizado na década de 50 por Dodô e Osmar.

do prédio onde funciona o JC, o pandeirista que conheceu em Campina Grande.

Genival Macêdo assina a produção das dez primeiras músicas gravadas por Jackson do Pandeiro: "Recebi autorização do doutor Pessoa (F. Pessoa de Queiroz) para usar o estúdio da Rádio Jornal. Naquele tempo só se podia gravar até meia-noite, ou então depois desse horário, porque quando o carrilhão do Diário tocava, estragava a gravação", detalha o compositor.

José Teles é jornalista, escritor e crítico musical. É autor de *Do Frevo Ao Manguebeat* (Editora 34), entre outros livros de crônica e de música. Mora em Recife (PE).

CD CELEBRA CANCIONEIRO DE GENIVAL MACÊDO¹

Antônio Vicente Filho

Especial para o *Correio das Artes*

Demorou, mas chegou a hora e a vez do reconhecimento ao talento de Genival Macêdo, cabra de boa proa na música brasileira, compositor e produtor cultural de mão cheia. O disco 'Tributo a Genival Macêdo' traz clássicos de seu caldeirão em interpretações de nomes de marca registrada com carimbo marcado no selo de boa música brasileira, como Elba Ramalho, Claudionor Germano, Geraldo Azevedo, entre outros, em desfile de clássicos da altura de 'Meu sublime torrão', 'Cigana mentirosa', 'Saude de Pernambuco', 'Casado não pode'...

Podemos dizer, sem medo de errar, que este é o ano de Genival Macêdo na passarela da música. Seu famoso sucesso, 'Micróbio do frevo', em gravação de Gilberto Gil, encabeçou o CD *Os Cem Anos do Frevo de Pernambuco*. Com seu 'Meu sublime torrão' Genival Macêdo tem cadeira cativa no patamar dos grandes compositores que enaltecem suas terras em canções que ganharam a simpatia e admiração do povo.

Ary Barroso cantou o Brasil na sua 'Aquarela do Brasil'. Caymmi mostrou a beleza da Bahia em versos de várias formas. Noel Rosa, em versos, deu beleza à Vila Isabel. Genival cantou, encantou e, até hoje, encanta a Paraíba quando mostra que "Num recanto bonito do Brasil / Sorri a minha terra amada / Onde o azul do céu / É mais cor de anil / Onde o sol tão quente / Parece mais sutil...". A trajetória do bom poeta/paraibano foi sempre na trilha da música. Na década de 1940, comandou e dirigiu programa da Rádio Tabajara, em João Pessoa, uma espécie de Rádio Nacional na época.

Depois de fazer sua trajetória pelas principais emissoras de rádio da Cidade Maravilhosa, Genival monta endereço em Recife, com carta branca para dirigir o escritório de representação da poderosa gravadora Copacabana, com trânsito livre no Norte e Nordeste para indicar quem merecia um espaço no campo do estrelato. Genival era uma espécie de técnico



Capa do caprichado CD com parte do cancionário de Genival Macêdo, lançado em 2009

da seleção dos artistas que queriam entrar no campo da música brasileira das duas regiões.

Com seu prestígio e competência, Genival Macêdo foi o guia e a luz que abriu o caminho para Jackson do Pandeiro no solo do Rio de Janeiro. "Só vou para o Rio de Janeiro, se for em companhia de Genival Macêdo", decretou o futuro "Rei do Ritmo". A "sentença" se concretizou em 1954, como "Cristo Redentor" abrindo os braços para a grande estrela que se encaixou na galáxia dos grandes astros do cenário musical nacional.

O que mais falar de Genival? Será que muitos compositores tidos, como consagrados, têm o privilégio e o orgulho de afirmar que têm canções de sua autoria gravada em vozes consagradas, como Chico Buarque e Zeca Pagodinho (caso de 'A mulher do Aníbal', de Genival Macêdo e Nestor de Paula)? Acorda, minha gente, ainda tá na hora de reparar a falha cometida". ✖

Antônio Vicente Filho é jornalista e crítico de música. Também é coautor do livro 'Jackson do Pandeiro - O Rei do Ritmo' (Editora 34).

¹ Texto publicado originalmente no livreto que acompanha o CD Tributo a Genival Macêdo, lançado originalmente em 2009, sob o título 'Genival Macêdo'.

De romancistas, brasileiros e russos

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

Uma conferência sobre Dostoiévski, proferida no ciclo de palestras que a Fundação Joaquim Nabuco promoveu, em colaboração com a Fundação Astrojildo Pereira e o Centro Josué de Castro, a pretexto do centenário da Revolução Russa, me trouxe à memória conversas que tive com o meu ilustre conterrâneo Ariano Suassuna, sobre os mistérios da ficção literária e sua inserção na história dos povos.

Argumentava eu que a qualidade e a importância de um texto ficcional – e seu autor – têm a ver com a circunstância do pioneirismo na abordagem de um determinado contexto social e histórico, muito mais do que com o estilo de escritor. E dava como exemplo o livro *Menino de Engenho*: uma narrativa linear, sem qualquer requinte, que se consagrou apenas pelo fato de desvelar a realidade da vida social nos engenhos de açúcar do Nordeste, em seu declínio. E Ariano ponderou: “Você já leu *Fogo Morto*? Se tivesse lido, não diria isso”.

Li depois. E, com efeito, constatei que a obra-prima de José Lins do Rego é muito mais do que uma simples narrativa. É uma verdadeira epopeia, envolvendo os personagens de um mundo em desagregação: barões feudais, cangaceiros, servos da gleba recém-saídos da escravidão, uns sucumbindo à mudança dos tempos,



Dostoiévski na pintura de Vasily Perov

outros poucos adaptando-se à modernidade desafiadora. E Ariano completava, dando o exemplo de Dostoiévski: o valor de um romance não está apenas na sua dimensão social, mas também na “força” dos personagens.

Realmente, os personagens do escritor russo são marcantes, tanto os femininos, exemplos de dignidade e espírito de renúncia, quanto os masculinos, modelos de impulsividade sem freios éticos, ou de miséria moral e marginalismo. E o nosso romancista nordestino admitiu que alguns dos seus personagens (*d’ A Pedra do Reino*) são puramente “dostoiévskianos”.

Abrindo o leque da conversa, arrisquei a observação de que há um tempo histórico propício, em cada país, para o florescimento da literatura fic-

cional. No caso dos russos, teria sido a segunda metade do século 19. Lá estão Gógol, Dostoiévski, Tolstoi, Tchecov, Turguêniev, Andreief. Em nosso caso, seria o século XX, a partir dos anos 30, com a eclosão do romance regionalista de José Américo de Almeida, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Zé Américo e Zé Lins dissecando o universo canavieiro, Jorge Amado retratando a civilização do cacau, Graciliano e Rachel expondo a dura realidade dos sertanejos castigados pela seca.

No caso dos russos, temos verdadeiros painelistas da vida social do czarismo, variando apenas em motivações e temperamentos. Um espírito atormentado e cheio de revolta, no caso do autor de *Crime e Castigo*. Uma visão compassiva e empática, no caso do autor de *Ana Karênina*. Em Gógol e Tchecov, uma crítica dos costumes de sua terra, ora finamente irônica, ora dolorosamente melancólica. Posso dizer que *Vanka*, de Tchecov, foi o conto que mais me comoveu e impactou, em toda a minha vida.

Como concluir? Mantenho a proposição de que os romances têm o seu tempo histórico. Hoje, com a multiplicidade dos meios de comunicação, quase não sobra espaço para “muralistas” da vida social. Caímos no fosso do romance urbano, intimista, quase sempre sombrio e carregado de pessimismo. Confesso que não simpatizo com o gênero, salvo em honrosas exceções, e nisso me identifico também com o mestre Ariano.

Mergulhemos, pois, nas crônicas, gênero essencialmente moderno, nos artigos, nos ensaios, nas memórias. É o que se nos oferece, enquanto aguardamos uma nova realidade desafiadora, que nos venha motivar para voos mais longos. ✖

Clemente Rosas Ribeiro nasceu em João Pessoa, em 27 de setembro de 1940. É formado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e pós-graduado em Desenvolvimento Econômico. Foi Procurador-Geral da Sudene. Integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’ e ‘Lira dos anos dourados’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

Paulo Bonavides e a interpretação do Brasil

FOTOS: ARQUIVO A UNIÃO



Paraibano, Paulo Bonavides foi um dos constitucionalistas mais respeitados do país

José Octávio de Arruda Mello

Especial para o *Correio das Artes*

Meu primeiro encontro com Paulo Bonavides (1925-2020) verificou-se na residência desse, em Fortaleza, por volta de 1976. O intermediário foi seu ex aluno Francisco Arruda Fontes, que como ex-Secretário de Educação da Paraíba, me prestigiou bastante. Por isso, no Ceará, sempre o procurava.

Parlamentarismo e domínio em bloco.

Recordo que a conversa girou em torno do sistema de Governo mais adequado do Brasil, optando Paulo pelo parlamentarismo e eu pelo presidencialismo.

Creio que o diálogo contribuiu para reorientação das minhas convicções porque anos depois, no plebiscito de abril de 1993, votaria pela República Parlamentarista. Dois autores contribuíram para a mudança – Afonso Arinos de Melo Franco e Paulo Bonavides.

O primeiro, ao demonstrar que as crises institucionais brasileiras derivam da rigidez do presidencialismo. E Bonavides por sustentar que o parlamentarismo resolve melhor a chamada governabilidade – tema que a transição do consulado militar de 1964 colocaria em foco.

Dotando-se sobre este último, P.B. punha em causa elemento típico do sistema castrense brasileiro. Deu-se que, em 1964, as Forças Armadas vieram em bloco para o Centro do poder, o que inviabilizava inserção do contingente civil.

Por conta disso é que a abertura democrática somente poderia provir a de dentro do próprio sistema questão confirmada pela iniciativa das Presidências Geisel e Figueiredo.

Unificação militar e decomposição do poder.

A conversa de 1976 com Paulo Bonavides permaneceu aí.

Recordo que, desenvolvendo-a com José Honório Rodrigues, no Rio de Janeiro, percebemos que a democracia brasileira, sempre acossada pelo estamento militar, somente prosperou, quando da divisão deste. Tal se verificou por ocasião da cisão de liberais de Osório e conservadores de Caxias, no Império; jacobinos e moderados na República Velha, tenentes e legalistas com a Revolução de 1930; e nacionalistas e udenofebianos durante o populismo 1945/64.

A sistemática mudou nesse último ano quando a Escola Superior de Guerra (ESG) unificou o Exército, inclinándolo para a direita, mediante os expurgos do golpe militar que eliminou a facção esquerdizante do nacionalismo radical.

Era tudo Paulo Bonavides que, cientista social dos mais conceituados, sabia como o situei em *A Revolução Estatizada* (3ª ed., 2014) que o poder se decompõe, em três círculos superpostos, sendo o primeiro de formação do Estado, o segundo de estruturação normativa desse mesmo Estado e o terceiro de sua ação prática. ▶



O olhar atento de Flávio Satiro (D) à fala de Paulo Bonavides (E): primos e conterrâneos que escreveram, juntos, 'História Constitucional dos Estados Brasileiros'

Datam daí os níveis de análise de respectivamente, Teoria Geral do Estado, Direito Constitucional e Política, em que Bonavides tanto se distinguiu que Afonso Arinos, em fins do século passado, a considerou o maior constitucionalista brasileiro do tempo.

Na especificação de uma obra.

Consistente em cada uma daquelas esferas, Paulo Benevides não tardou a se converter em autor didático, da predileção dos universitários.

Mais vinculado à Sociologia e Política alemãs que à norte-americana, seu mais específico título de Teoria Geral do Estado leva o nome da disciplina, com nona edição, em 1912. Em Direito Constitucional, onde seu prestígio ultrapassou Paulino Jacques e Queiroz Lima, os universitários dessa disciplina voltaram-se para *História Constitucional do Brasil* (10ª ed., 2009) e *Constituição: Os Caminhos da Democracia* (1985).

Enfim, autor de *Ciência Política* (9ª ed., 1974), prefaciada pelo ministro Oswaldo Trigueiro, Paulo também se responsabilizou, nessa área, pela coletânea de ensaios *Reflexões – Política e Direito* (1973) que tanto me sensibilizou.

Paulo Bonavides e o Pimentismo.

Neste, um dos estudos – *Um Jurista do Povo e da Liberdade* – diz respeito a Isaquim Pimenta, o bravo publicista cearense que, professor da Faculdade de Direito do Recife, onde pretendia fazer com os operários, o que Nabuco fizera com os escravos, se transferiu para o Rio de Janeiro, na qualidade de um dos artífices

da legislação trabalhista da Revolução de 1930.

“Foi Joaquim Pimenta, homem de esquerda”, sustentou Bonavides em colocação que me sugestionou. Às voltas com dissertação de mestrado sobre a Revolução de 1930, subordinava-a então aos militarismo gaúcho, conservadorismo mineiro e radicalismo nordestino.

Este último representava-se, sobretudo por Pimenta que, a 13 de outubro de 1929, esteve na Paraíba, proferindo conferência presenciada pelo presidente João Pessoa.

É certo que, com o tempo, busquei outras variáveis para o outubroismo, mas o pimentismo em mim permaneceu tão arraigado que o ano passado, em conversa no apartamento de Flávio Satiro, enquanto saboreava refresco temperado por dona Eliane Fernandes, perguntei a Paulo Bonavides, que havia sido seu aluno, no Rio de Janeiro:

- E as aulas de Pimenta, como eram?

- Eram animadas. Ele passava a maior parte do tempo evocando as greves operárias que organizava no Recife.

Flávio Satiro e as origens paraibanas.

E por que essa conversa entre mim, brandindo do exemplar dos *Retalhos do Passado*, do velho lutador, Paulo Bonavides e Flávio? Ora, porque não apenas o principal intérprete do constitucionalismo na Paraíba, Flávio Satiro, que com ele produziu substancial *História Constitucional dos Estados Brasileiros* (2014), é seu primo e conterrâneo.

Por essa última condição responde a filiação de Paulo Benevides à cidade de Patos, onde procedeu curso primário com a formadora de gerações Eudécia Nóbrega, irmã do deputado Octacílio Queiroz.

Só então, Paulo, acompanhando os passos do irmão Aníbal, futuro deputado estadual pelo P.C. cearense, deslucou-se para Fortaleza onde continuou os estudos e carreira.

Intermediado por estágio nos Estados Unidos, de onde escrevia para *A União* artigos condensados por Flávio Satiro na coletânea *O Tempo e os Homens*, (1997), Paulo Bonavides iniciou a trajetória literária pelo estudo *Do Estado Liberal ao Estado Social* (10ª ed. 2011) que, de certo modo, resume suas convicções.

Isso porque, constitucionalista liberal, na linha da UDN de 1945, avançou resolutamente para a dinâmica do Estado Social, tal e qual o detectamos nos anos dez, em João Pessoa. A estrela petista, então, parecia motivá-lo.

De certa feita, em São Paulo, indaguei ao então professor Fernando Henrique Cardoso o que era ser brasileiro, obtendo como a resposta: - Ora, interpretar o Brasil!

Pela trajetória acadêmica, pulção cultural e entidades que liderou com, inclusive, Centro de Análises responsável pela *Revista Latino-Americana de Estudos Constitucionais*, Paulo Bonavides foi indiscutivelmente um desses! ❖

José Octávio de Arruda Mello é historiador de ofício, com doutorado em História Social pela USP e pós-doutorado pelo IEB/USP. Integrante dos IHGB, IHGP, APL, API e Centro Internacional Celso Furtado. Autor de *Nova História da Paraíba - Das Origens aos Tempos Atuais* (2019) e *A Arapuan e o rádio paraibano - Uma biografia dual* (2020).

AS MULHERES INDEPENDENTES DE **Miguel de Cervantes**

Thélio Queiroz Farias

Especial para o *Correio das Artes*

Resumo: Análise de personagens femininos na obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes Saavedra. Defesa da independência da mulher. Posição avançadíssima nos séculos XVI e XVII. Modernidade da abordagem literária de Cervantes e pioneirismo na literatura mundial. Obra publicada na vigência da Inquisição Espanhola, o que demonstra que a escrita de Cervantes era contemporânea do futuro.

“Mas o que ninguém diz é que, se Dom Quixote estivesse vivo, santificando todos os caminhos com a passagem majestosa de seu heroísmo (como disse Rubén Darío), não há nenhuma dúvida de que se dedicaria exclusivamente a perseguir por terra, mar e ar todos esses canalhas que maltratam e matam mulheres... Isso é o que Dom Quixote faria, e Dom Quixote nunca se engana.”

(Javier Cercas, escritor espanhol¹)

“*Cervantes se esforça em conceder as mulheres o mesmo status que o dos homens... Em Cervantes, por cima das religiões, está sua vontade de defender a liberdade das mulheres.”*

(Victoriano Santana Sanjurjo, professor da Universidad de Las Palmas de Gran Canaria²)

¹ In “O Feminismo é Selvagem?”, *El país*, edição de 17 de agosto de 2017.

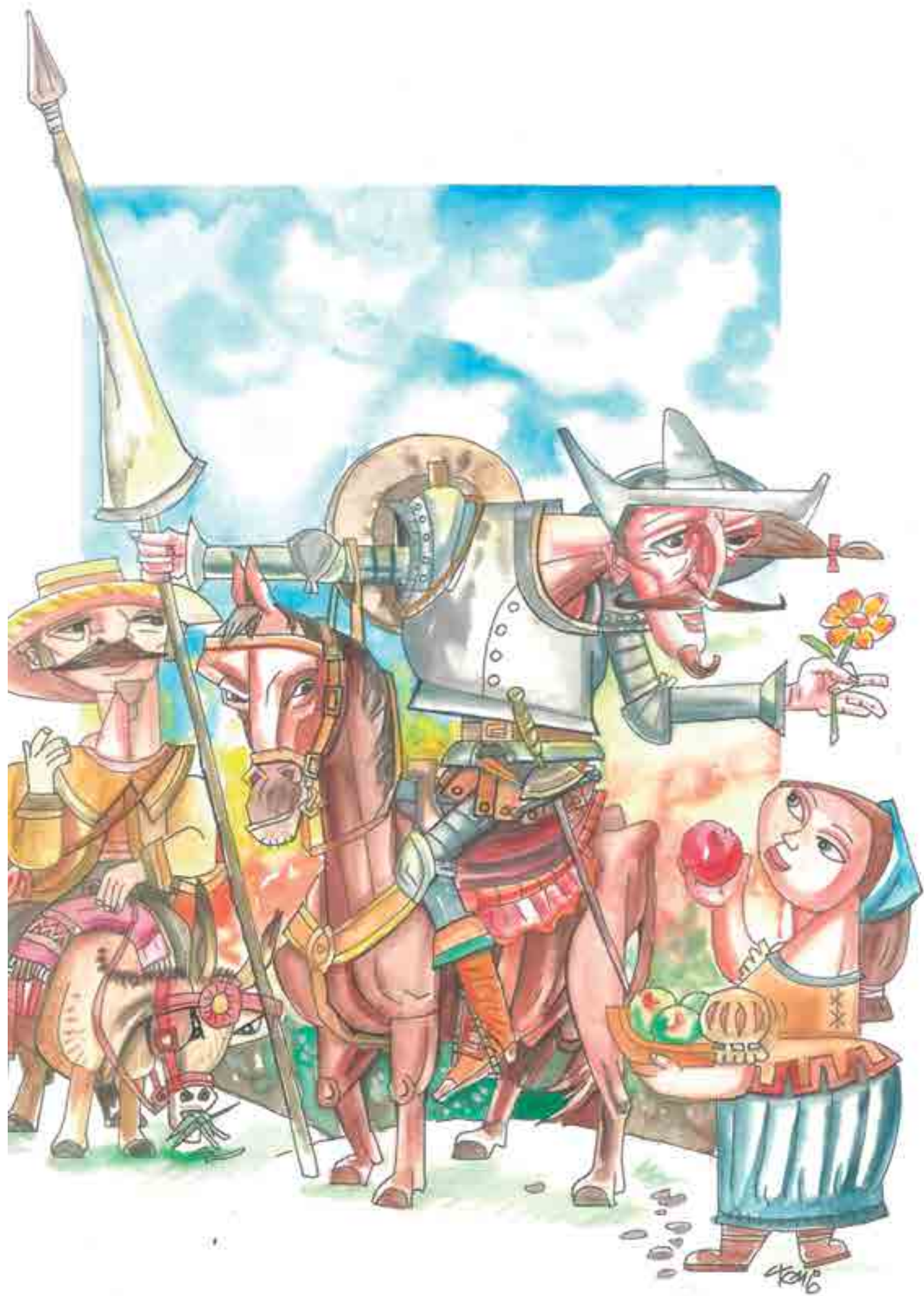
² In *Tiempo de Canarias*, sob a manchete: “Sanjurjo: Cervantes foi o primeiro feminista”: <https://tiempodecanarias.com/sanjurjo-cervantes-fue-el-primer-feminista>.

O movimento feminista começou a engatinhar a partir da Revolução Francesa de 1789, com suas bandeiras de igualdade, fraternidade e humanidade (*égalité, liberté, fraternité*), quando se iniciou questionamentos sobre os direitos das mulheres e o sonho/luta para diminuir a desigualdade política e de direitos entre as pessoas dos sexos masculino e feminino.

Em meados do século 19, há registros de movimentos em prol do direito ao voto das mulheres e de outras pretensões/direitos, notadamente no Reino Unido e dos Estados Unidos da América, no que ficou conhecido como a primeira onda feminista. O movimento feminista só iria tomar força a partir do século 20, com o avanço legislativo nos principais países do planeta e a luta de inúmeras mulheres, famosas e anônimas, por um mundo mais igualitário.

Na conservadora época de ouro da Península Ibérica, no entanto, um escritor já escrevia em favor das mulheres: Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616). Sim, ele mesmo! O consagrado autor de *Dom Quixote de La Mancha* – livro eleito como a melhor obra de ficção já escrita em todos os tempos –, conhecido como pai do romance moderno.

Cervantes nasceu em 29 de setembro de 1547, em Alcalá de Henares. Teve uma vida aventureira. Foi soldado, lutou na batalha de Lepanto (1570), envolveu-se em duelo, sendo condenado ao decepamento da mão direita, o que fez fugir da condenação, viajando/fugindo para Roma. Na cidade eterna, foi camareiro do Cardeal Julio Acquaviva, que se impressionou com a cultura e inteligência do então jovem espanhol. Alistou-se nas forças militares da Liga Santa, formada pela República de Veneza, Reino da Espanha, Cavaleiros de Malta e Estados Pontifícios, tendo sido condecorado militarmente pelo próprio comandante Dom João



da Áustria. Orgulhava-se da conquista da guerra, mesmo ferido! Teve seu navio atacado, é preso e feito prisioneiro, sendo levado para Argel como escravo. Somente após o pagamento do resgate, foi libertado e retornou a Espanha para se consagrar no mundo dos livros³.

Miguel de Cervantes criou diversas personagens femininas que lutam por liberdade, autonomia e independência, numa época em que as mulheres sequer podiam expor seu pensamento, sendo totalmente submissas ao pai, se ainda solteira, ou ao marido, se casada fosse. Não apenas! Cervantes expõe em sua consagrada obra literária, mulheres que lutam para não ser violentadas, grávidas solteiras e outras personalidades do sexo feminino que somente iriam frequentar a literatura muitos anos depois, notadamente a partir do século 20. Talvez exista uma explicação em sua biografia: Cervantes viveu como o único homem em uma casa de irmãs (Andrea, Luisa e Magdalena), a mãe Leonor, sua sobrinha Constanza e a avó Leonor Fernández Torreblanca, além de ter sido pai de uma única filha, Isabel de Saavedra. As mulheres com que conviveu possuíam caráter firme, começando por Dona Leonor de Cortinas, sua corajosa mãe, que lutou pela liberdade do filho preso em Argel. Suas irmãs lutavam para ser independentes e tinham relativa cultura, o que já era muito em sua época, como lembra Victoriano Santana Sanjurjo, da Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, que afirmou que Cervantes foi um homem que se orgulhava de suas irmãs e *“las que apoyaba em sua deseo de independencia económica y autonomia vital”*⁴.

Vejamos.

Em *Dom Quixote de La Mancha*, cuja primeira parte foi publicada em 1605 e a segunda em 1615, o próprio Cavaleiro da Triste Figura, defende que a mulher tenha o direito de sair para onde quisesse, só e desimpedida, antecipando em trezentos anos o discurso feminista, ao dizer:

“Como já disse, as donzelas e a castidade andavam por onde queriam, sós e desimpedidas, sem medo de que o atrevimento alheio e a intenção lasciva as desvirtuassem, e sua perdição nascia de seu desejo e vontade própria.”⁵

Era uma época de forte censura e preconceitos, onde “modernismos” como o de Miguel de Cervantes, veterano da Batalha de Lepanto, poderiam significar as mais diversas punições, cuja mais grave era ser queimado nas fogueiras da Inquisição, que tinha no poderoso Império Espanhol uma de suas faces mais radicais. Impressiona que a frase, no qual defendia o autor que as mulheres pudessem fazer o que bem entendessem, não tenha sido excluída pelo censor ao receber os originais do livro que seria publicado pelo editor Francisco de Robles e impresso por Juan de La Cuesta.

Dulcinea del Toboso, a paixão idealizada do Cavaleiro da Mancha, não tinha nada de princesa ou de fêmea submissa. Era uma mulher independente e que vivia do seu trabalho. Forte até fisicamente, tanto que o escudeiro Sancho Pança chegou a dizer que ela “numa queda de braço vence o pastor mais forçado de toda vila”. Como mulher independente, Dulcinea não deu nenhuma bola para o Cavaleiro-leitor montado em Rocinante, embora não se saiba se tomou conhecimento desse quixotesco amor platônico que lhe devotou Dom Quixote. Se Dulcinea era a dama feita da matéria de sonhos, sua verdadeira face, Aldonza Lorenzo era mulher independente, forte (inclusive no físico), trabalhadora e bem humorada (“brinca com todos e de tudo zomba e graceja”, disse Sancho), ou seja, Dulcinea é uma mulher muito à frente do seu tempo!

Numa das histórias intercaladas que compõem *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, a pastora Marcela foge para as montanhas para viver de forma livre, cuidando de suas ovelhas, sem depender



ILUSTRAÇÃO: TONIO

e sem submeter a homem algum. É uma personagem que luta por sua liberdade em um mundo que nega essa independência, em virtude do seu sexo. Marcela, nascida no seio de uma família rica e dotada de grande beleza, não aceita contrair matrimônio com homens privilegiados e nobres, que a cortejam, em troca de manter sua liberdade de pensamento e de movimento. Inteligente, individualista e independente, não quer marido nenhum, contrariando as regras da sociedade de então e o interesse de sua família. Ela diz ao tio que a criou, que não irá contrair matrimônio, algo bastante contestador no final do século 16 e início do século 17, o que configura em crítica ao sistema patriarcal vigorante na época e à própria Igreja Católica. A pastora Marcela, ciente de sua independência, chega a desdenhar da obrigação de corresponder aos galanteios de bons pretendentes, atraídos por sua beleza: “Não compreendo que, pela razão de ser amado, que é amado por belo tenha obrigação de amar quem o ama.” Famoso o dito de Marcela, quase um grito-libertário de uma mulher moderna: *“Yo nací libre y em libertad me fundo.”*

A personagem Marcela, no dizer de Carlos Roberto Saz Parkinson, da Columbia University, em artigo intitulado *El Feminismo Quijotesco de Cervantes*⁶,

“había expuesto la falsedad e hipocresía del sistema patriarcal y era una voz contra la represión sexual y física de la mujer. Había demostrado que las mujeres podían combatir la situación existente, tanto con la palabra como la acción.” (em tradução livre: “havia exposto a falsidade e hipocrisia do sistema patriarcal e era uma voz contra a repressão sexual e física da mulher. Havia demonstrado que as mu-

³ FARIAS, Thélío Queiroz, in Miguel de Cervantes e sua vida quixotesca. Revista Conviver, edição comemorativa de 45 anos da UNIMED Campina Grande, dezembro de 2016.

⁴ In Tiempo de Canarias, sob a manchete: “Sanjurjo: Cervantes foi o primeiro feminista”: <https://tiempodecanarias.com/sanjurjo-cervantes-fue-el-primero-feminista>.

⁵ In O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de La Mancha, Primeiro Livro. Tradução de Sérgio Molina. Edição Bilingue. Editora 34, 6ª edição, São Paulo, 2011.

⁶ https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/aepe/pdf/congreso_40/congreso_40_13.pdf

Iheres podiam combater a situação existente, tanto com a palavra como com a ação)”

Marcela foi homenageada em poema da catalã Pilar Bellés Pitarch:

*“Mujer culta, guerrera libre
jovencísima pastora refinada
huérfana de padre y madre
contemplando la Sierra retirada.*

*Rodeada de acosadores pretendientes
que se disfrazan de pastores
para por ella poder ser aceptados,
rodeados de las cumbres, árboles y ríos.*

*Mujer profotemenista
que defendía su libertad
quisi elegir em el amor
y a Gristóstomo rechazó.*

*Ante el suicidio de este
intentan culparla a ella,
Don Quijote la defende
com absoluta contundência.*

*Marcela reclamada su derecho
a estar sola, sin ningún hombre
y denunciaba el continuo acoso
al que se sometía a las mujeres.*

*Ella retó al patriarcado y al machismo
dijo no a la obligación de casarse
y animó a otras a no dejarse someter
y a seguir los dictámenes de sua corazón.”⁷*

Lucinda, outra personagem do *Quixote*, que é empurrada para a traição pela curiosidade ou loucura do marido, é também a prova de que, conforme lembra Ernani Ssó, especialista e tradutor cervantino, no ensaio *Muito Além de Dulcineia: Mulheres no Mundo de Cervantes*, que o escritor espanhol se esforça “para demonstrar o perigo que as mulheres correm e que a inocência delas não significa nada para os homens nem para a Justiça”⁸, posição contemporânea do futuro para um intelectual do final do medievo.

Mas Cervantes não pára por aí. Nas *Novelas Exemplares (Novejas ejemplares de honestissimo entretenimento)*, uma compilação de 12 novelas publicadas em 1613, pouco antes da segunda parte de *Dom Quixote* (1615), o escritor nascido provavelmente na cidade

de Alcalá de Henares, cria várias personagens femininas, com anseios de liberdade e independência, além de incluir no livro denúncias sobre a opressão da mulher. A genial forma de escrita do Cervantes impediu que a censura inquisitorial obstasse a publicação dos seus textos.

Miguel de Cervantes coloca na literatura um assunto considerado proibido em sua época: o estupro. Na *Novela da Força do Sangue (La fuerza de la sangre)* e na *Novela da ilustre fregona (La ilustre fregona)* o tema é enfrentado de forma pioneira na literatura mundial. A professora Mercedes Alcalá Galán, no trabalho *Ideologia y violencia sexual: el cuerpo femenino subyugado según Rubens y Cervantes*⁹, da Universidade de Wisconsin-Madison, anota que não existe nada semelhante, nem na literatura, nem sequer nas artes plásticas, nem na dramaturgia, o que demonstra o avanço da posição cervantina.

No tempo do reinado de Felipe II, que inclusive possuía jurisdição sobre o Brasil (época da União Ibérica), existia inclusive preconceituosa jurisprudência dos tribunais espanhóis que afirmava que, se a mulher engravidasse, teria tido um orgasmo, o que equivalia a ter tido prazer, o que desconfiguraria o delito e significava a inocência de estupro. Autores como Santo Agostinho, chegaram a defender a absurda tese: gravidez = prazer = absolvição do acusado. Sob outro prisma, nas barras da justiça da época, a palavra de um homem, especialmente se nobre fosse, valeria muito mais do que de uma mulher.

Na *Novela da Força do Sangue*, Leocádia resiste a uma nova tentativa de estupro (teria já sido violentada desmaiada), enfrentando corajosamente o nobre que a atacava, dizendo firmes palavras:

“Faz de conta, traidor desalmado, quem quer que sejas, que os despojos que levastes de mim são os que pudestes tomar de um tronco ou de uma coluna sem sentido, cuja vitória e triunfo devem redundar em tua infância e menosprezo. Mas o que pretendes agora não irás alcançar a não ser com minha morte. Desmaiada me pisoteaste e me violentastes, mas, agora que tenha alento, antes poderás me matar que vencer, pois se agora, desperta, sem resistência aceitasse tua vontade abominável, poderias imaginar que meu desmaio foi fingido quanto te atrevestes a me arruinar.”¹⁰

Leocádia é contestadora, corajoso, enfrenta a ameaça de um novo estupro. Personagem feminina extremamente progressista para sua época, quando as mulheres eram quase sempre as culpadas pelo crime que as vitimava (estupro). Moderno também é o posicionamento do pai de Leocádia, que perdoo a filha, afirmando que “a verdadeira desonra está no pecado, e a verdadeira honra na virtude”, findando por dizer “considera-te então honrada, que eu assim te considerarei, sem que jamais te olhe a não ser como verdadeiro pai.”

Em *La ilustre fregona*, a mãe de Costanza, vítima de um estupro, tem seu sofrimento relatado por Cervantes, embora, para “proteção” da honra da filha, manteve em segredo por muito tempo, omitindo detalhes sobre a concepção da criança, encaminhando-a a tutores. Entretanto, ao narrar o sofrimento de uma mulher violentada, o notável escriba espanhol parece expor a realidade atual de vítimas de estupros, nas quais mulheres se sentem envergonhadas como se a culpa fosse delas, “imagine-se naquele tempo”, como indaga Ernani Ssó¹¹.

⁷ In *Machismo y Feminismo* em la obra de Cervantes, edição da autora, outubro de 2016.

⁸ Texto anexo da edição especial de *Novelas Exemplares*, de Miguel de Cervantes, publicada em 2015 pela editora COSAC NAIFY, com ilustrações de Vânia Mignone.

⁹ https://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.span.d7_eh/files/sitefiles/cervantes/volume1/1%20mercedesalcala.pdf.

¹⁰ CERVANTES, Miguel. *Novelas Exemplares*, ed. COSAC NAIFY, São Paulo, 2015.

Na *Novela das duas donzelas* (*La dos doncellas*), o autor espanhol escreve sobre o medo de Teodósia de ser estuprada por Dom Rafael, medo este real, tendo em vista que este chegou a acalentar a ideia. O fato não ocorre porque Dom Rafael reconhece sua irmã. Mas Teodósia e Leocádia, as duas donzelas, não são mulheres que ficam chorando depressivamente em seus quartos, a lamentar destinos. São fêmeas que vão à luta, pelo seu amor e por sua honra e que terminam sendo premiadas por sua ousadia, outro grande avanço feminista na literatura.

A Grande Sultana, Dona Catalina de Oviedo, raptada e obrigada a fazer parte do harém do Sultão. Dona Catalina reivindica o seu direito à liberdade religiosa, o que é respeitado pelo Grão Sultão. O Sultão diz a Catalina de Oviedo:

“Você pode dar leis ao mundo e manter o que quiser, você não é minha, você é sua, e o culto se deve à sua coragem.”

La Gitanilla, é, sem dúvida, outra das personagens mais simbólicas e revolucionárias da obra de Cervantes. Ela é mulher e cigana, considerada a mais desprezível condição do estrato social. Ela, no entanto, é uma mulher brilhante e, negociada a um cavalheiro, confronta seu comprador e os seus vendedores, afirmando:

“Esses cavalheiros podem muito bem dar-lhe meu cor-

po; mas não minha alma, que é livre e nasceu livre, e tem que ser livre pelo tempo que eu quiser.”

Observe-se que, nos séculos 16 e 17, a quase totalidade das mulheres eram analfabetas e o terreno intelectual era propriedade exclusiva do sexo masculino. Nos textos cervantinos, a maioria das personagens feminina¹² sabe ler e escrever, afirmando a escritora e poeta catalã Pilar Bellés Pitarch, que:

*“Em los siglos XVI y XVII el 90% de las mujeres eran analfabetas pero eso no ocurre en la obra de Cervantes. Consecuencia de esta actitud avanzada es que la mayoría de los personajes femeninos de este libro de libros saben leer y escribir.”*¹³

Pode-se afirmar que Miguel de Cervantes Saavedra foi um dos primeiros feministas da literatura universal, obviamente, contextualizando seu texto com a época histórica em que viveu, praticamente o final da Idade Média, sob a batuta de preconceitos no império comandado por Madrid do final dos anos mil e quinhentos e início dos seiscentos.

Como lembra Ernani Ssó:

“É impressionante que Cervantes, apesar de todos os preconceitos de seu povo e sua época – que não viam o gigante Briareu num moinho, mas viam um demônio asqueroso numa linda donzela -, conseguiu perceber a realidade com lucidez, ou mais, perceber a realidade também através dos olhos das mulheres. Um escritor de verdade, o senhor Miguel de Saavedra Cervantes, já que a empatia não é o menor talento exigido pela literatura.”¹⁴

Senhoras ou criadas, campone-

sas ou aristocratas, pobres e ricas, letradas ou analfabetas, as mulheres literárias de Miguel de Cervantes são pessoas de pensamentos e atitudes autônomas, vivem dignamente no nível que corresponde a sua origem, se mostram seguras de si mesmas e vivem com galhardia, bravura e autoestima, além de não estarem atadas ao convencionalismo social ou cultural de sua época. A mulher, com Cervantes, muda seu papel de objeto passivo para ativo, anotando o premiado escritor Juan Eslava Galán, que *“Cervantes era um feminista convencido, es uma faceta que debemos reivindicar. Lo fue por convicción y también por tradición familiar”*¹⁵.

Quem sabe um dia, ao lado de Frida Kahlo, Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, dentre outros ícones do feminismo, também não estará o espanhol Miguel de Cervantes Saavedra, pioneiro do feminismo na literatura. Cervantes foi, indiscutivelmente, um homem contemporâneo do futuro, muito à frente do seu tempo, ao qual sua paixão pela liberdade o levou a criar a maioria das personagens femininas segundo princípios de independência, autonomia e liberdade.

As mulheres independentes dos livros de Miguel de Cervantes Saavedra são o marco do início de uma mudança de pensamento na literatura mundial e, por que não dizer, na própria vida, pois, como lembra Roland Barthes, “a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”¹⁶. Cervantes foi um homem que se adiantou ao seu tempo e a sua paixão pela liberdade levou a criar a maioria dos personagens femininos de sua obra segundo os princípios de independência e liberdade. Quando lembrarmos do cavaleiro Dom Quixote de La Mancha, devemos recordar também as bandeiras de liberdade, igualdade e independência da mulher, que a obra de Miguel de Cervantes já revelava mais de quatrocentos anos atrás. ✦

¹¹ Texto anexo da edição especial de *Novelas Exemplares*, de Miguel de Cervantes, publicada em 2015 pela editora COSAC NAIFY, com ilustrações de Vânia Mignone.

¹² CERVANTES, Miguel, in *Las Mujeres del Quijote*, Ed. Maxtor, Valladolid (Espanha), 2004.

¹³ In *Machismo y Feminismo* em la obra de Cervantes, edição da autora, outubro de 2016.

¹⁴ Texto anexo da edição especial de *Novelas Exemplares*, de Miguel de Cervantes, publicada em 2015 pela editora COSAC NAIFY, com ilustrações de Vânia Mignone.

¹⁵ Entrevista do escritor ao ABC Cultura: <https://www.abc.es/cultura/libros/20150324/abci-cervantes-feminista-convencido-faceta-201503231943.html?ref=https%2F%2Fwww.google.com%2F>

¹⁶ LOURENÇO, Edival, in “A Literatura é o único instrumento realmente capaz de mudar o homem”. Revista Bula: revistabula.com/4209-a-literatura-e-o-unico-instrumento-capaz-de-mudar-o-homem/.

Thélio Queiroz Farias, natural de Campina Grande-PB, é advogado militante e autor de 15 (quinze) livros. Ocupa a cadeira n. 23 da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), membro da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico de Serra Branca-PB, do Instituto Histórico e Geográfico de Areia-PB, do Instituto Histórico do Cariri Paraibano, dentre outras instituições. Foi Membro-Consultor da Comissão de Estudos Constitucionais do Conselho Federal da OAB e presidiu a Comissão de Filosofia e Literatura no Direito da OAB/Paraíba. E-mail para contato: thelio@leidsonfarias.adv.br.

Arabela

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*



“...Há, no Museu de Curiosidades, uma trança de cabelos loiros, de quatorze palmos e meio de comprimento! Só foi admitida no acervo, após os entendidos verificarem que ela não estava emendada em parte alguma. Quando enrolada, em dezesseis voltas, lembra uma roda de ouro...”

(Do noticiário)

1

Após os dois anos, os cabelos encaracolados de Arabela se distenderam, pouco a pouco, ameaçando transbordar o quarto onde acalentava sua boneca de trapos.

Na escola, as colegas de pelagem medíocre na cabeça invejavam a fartura e reagem tratando-a como aberração: os cabelos entardeciam grudados de chicletes, carrapichos e bolinhas mastigadas de papel.

Arabela rogou à mãe uma saída da escola e esta concordou, pois, com a morte do marido, planejava sobreviver utilizando a singularidade da filha.

2

Nos piores invernos da curta residência, Arabela não se abalava: enrolava-se em sua cabeleira de dois metros e dormia aquecida.

Se não fosse a japonesa Murakami, seus 234 centímetros de fios dourados teriam vencido o concurso “Garota Cabelo Universal”.

Mas o vice-campeonato já lhe possibilitava ganhar a vida exibindo-se em circos, parques e teatros.

3

O Cardeal Moscoso, que a conheceu num evento beneficente, afirmou aos jornais: “Deus concedeu-lhe esta bênção para trazer beleza ao nosso vale de lágrimas.”

Dr. Pujol, socialista, replicou: “Mais uma tática do Capital para desviar o foco da corrupção.”

4

A progenitora de Arabela, dona Ramira, usava a notoriedade da cria para vender um tônico capilar que elaborava, sob a marca “Paradisol”.

Alguns se estabelecem explorando o cérebro e dona Ramira a floresta de filamentos da filha, um pouco acima.

5

Os cabelos, presos em tranças, não tinham leveza alguma, mas a jovem suportava-os sem ais, pois

a ameaça da penúria era bem mais pesada.

As mulheres barbadas dos circos onde Arabela se exibia repetiam a mesma inveja que envenenara suas colegas de escola: os olhares de ódio das concorrentes também não eram algo explícito?

6

A infância se fora, sem brinquedos, e a juventude imitava-a.

Pretendentes maliciosos tentavam saber se ela também possuía abundante coma em outro local, porém a mãe vigiava com olhar de aço.

Seu mais fundo sorriso era para um ratinho branco, engaiolado, que ela acarinhava antes do sono.

7

Com o arrefecimento da novidade, Arabela viu-se relegada a espetáculos de segunda categoria.

Como nunca tivera aulas de balé, teatro ou canto – a mãe sófrega de ininterruptas exposições rendosas –, a jovem não podia incrementar sua presença com habilidades artísticas.

Quando o ensaiador não inventava maneiras de ocupar os cabelos em alguma ação cênica, Arabela posava apenas como um figura pitoresca.

8

Em seu aniversário de 17 anos, invictos de amor, ia se apresentar num circo de Linhares: anões pulariam corda com suas tranças.

Antes, a jovem resolveu colher flores num campo, para enfeitar a data.

Afastou-se um pouco para encher de boninas o seu borsal, quando uma repentina tempestade, talvez incentivada pelos cabelos elétricos, se formou.

Entretida com perfumes e cores, só percebeu a tormenta, quando um vento violentíssimo desatou os seus cabelos.

Não contente com a desfeita, arrastou-a para o meio de algumas árvores, onde ela enredou-se.

Quanto mais se debatia para desvencilhar a gadelha, mais o vento cruel a emaranhava.

E, num golpe final (e fatal), enforcou-a na própria cabeleira.

Coriscos iluminaram seu olhar perplexo: a chuva e a ausência de Arabela esvaziaram o circo.

9

Um especialista, a pedido da mãe, cortou a famosa rede de fios loiros, leiloada e arrematada pelo Museu de Curiosidades.

Arabela foi enterrada com o crânio calvo como se tivesse sido um zero. ❖



Cláudio Feldman é professor aposentado de língua & literatura, autor de 57 livros e membro da Academia de Letras do Brasil (em Brasília).

Arte e Crítica: José Rufino como fractais de *memento*

Theo Barreto

Especialpara o *Correio das Artes*

<01.01.2021> Início da conversa.

[Eduardo] Feliz Ano Novo!

[Eu] Está atrasado, pois o ano já começou!

[Eduardo] Tenho uma surpresa para você.

[Eu] Xiiiiii, já imagino qual seja!

[Eduardo] Deixa de onda! Vou te mandar uma foto.

[Eu] ???


{Arquivo recebido}

[Eu] P*#&%@\$\$!!!!

<01.01.2021> Fim da conversa.



EDITORA
A UNIÃO

The background of the page is a collage of newspaper clippings. On the left, there are fragments of text including 'Roosevelt', 'Study Present', 'Establishment', and 'War Trips'. On the right, there are more fragments including 'Mineral Oil', 'Nujol', 'ALL-PURPOSE', 'RIP', and 'The Nation'. A large, dark, stylized silhouette of a tree branch or root system is overlaid on the right side of the page, extending from the top to the bottom. The overall color palette is dominated by reds, oranges, and blacks.

Receber esta boa nova com uma obra que será delapidada durante o resto do ano, cuja finalidade, espero eu, faça jus ao estilo artístico de José Rufino era algo que realmente não esperava. *José Rufino: Fortuna Crítica Seleccionada*, organizado por Eduardo Augusto, fora o arquivo eletrônico que ele havia me mandado naquele dia. Um arquivo simples. A foto da capa do livro. Sem ainda saber o que dizer sobre esta realização de Eduardo, pois esperava ganhar o meu próprio exemplar, fiquei no aguardo para saber maiores informações.

Algum tempo depois, recebi uma ligação de Eduardo que me dizia que estava com o meu exemplar. E como quem não quer nada, ele me disse: - quando tu leres me dá uma resposta. Perguntar uma opinião a respeito de um livro não é uma coisa simples. Primeiro, porque você precisa ler o livro. Segundo, marcar inúmeros Cafés para se falar a respeito do livro. Terceiro, ler novamente o livro. E por fim, escrever um texto. Pelo menos é mais ou menos assim que as coisas devem andar. Mais ou menos. Não segui necessariamente nesta ordem, pois decidi mergulhar na última etapa e escrever um texto sobre o livro. O que não se faz pelos amigos?


Contudo, não tenho o menor interesse de estragar a sua experiência caro leitor. Por isso, pelo menos, posso adoçar seus sentidos com o que pretendo descrever logo em seguida.

José Rufino: Fortuna Crítica Seleccionada é um livro hermético, sóbrio e discreto. Feito de maneira artesanal, ou seja, impresso, dobrado, montado e cortado à mão, procedimento utilizado até hoje pela Empresa Paraibana de Comunicação – EPC, o livro já prepara o terreno das nossas percepções para aquilo que encontraremos dentro dele.

Composto por 32 autores e com 46 textos, incluindo o próprio prefácio, tendo ainda um índice remissivo das obras de José Rufino, apresentado cronologicamente ao final da obra, *Fortuna Crítica* não só estabelece um novo patamar do editorial EPC, constituídos pelo Jornal A União e a Rádio Tabajara, como inaugura o presente ano de 2021 com uma obra que será referência sobre o artista paraibano.

Cada texto presente neste livro compõe um fractal daquilo que podemos entender sobre suas obras. Transpassando suas próprias particularidades, fontes de inspirações, José Rufino nos revela, como devemos olhar para aquilo que em geral descartamos. Coisas que aparentemente não tem nenhum valor. Lembranças esquecidas, concretizadas em superfícies sólidas de rejeito, são para o artista, grandes pepitas de materiais preciosos ressignificados a cada trabalho. Seja ele nos suportes artísticos do desenho, da poesia, da escultura, do cinema ou ainda da instalação.

Fortuna Crítica reúne dentro de si, e daqueles que atravessaram e foram atravessados por José Rufino, todo tipo de *passante*. Do trabalhador árduo do canal, cujas impressões manuais foram transformadas em obras de arte ressignificando sua própria força de trabalho; dos pesquisadores e intelectuais que buscaram em suas obras, reflexões teóricas densas e profundas questionando a realidade na tentativa de *se escovar a História à contrapelo*; dos curadores e críticos de arte, nacionais e internacionais, que através do modo com o qual José Rufino se expressa, compreenderam novas possibilidades de pensar, sentir e fazer Arte, sem se remeterem àquilo que só era/é exposto nas grandes cenas artísticas dentro e fora do Brasil; dos jornalistas, que ao fomentarem a Cultura, elucidam e formam a opinião reflexiva de um público cada vez mais sedento por informações, mas que, sem o cunho crítico não desenvolvem a liberdade que o conhecimento ofe-



rece; do próprio mobiliário, inerte e “inexpressivo em linguagem”, mas quando ressignificado eclode, grita e afasta o vazio do silêncio calcinado pelas marcas e chagas de um tempo doloroso que não deve ser repetido, mas sempre lembrado enquanto aprendizado; a herança genética ancestral que a todo momento serve como porto seguro para o artista que saúda os pais, profana e honra o avô e finca suas raízes no mundo como um artista em completa e constante transformação.

Você não irá submergir simplesmente em uma leitura. Você será tragado pelo próprio livro, que estabelecendo uma disposição didática dos discursos, acrescentará um ponto distinto diferente das obras de José Rufino a cada texto. Inclusive, há uma biografia codificada dentro de cada texto. Praticamente um simulacro dentro de outro simulacro. Cabe à você, aguçar seus sentidos e ir montando a imagem do artista a cada informação que se repete ao mesmo tempo que se *différence*.

Assim, se você chegou até este ponto da minha narrativa, cabe dizer que você já foi tragado sem nem ter percebido o choque que estes borrões pintados no texto saltam aos seus olhos. Hora cobrindo fragmentos de sua obra no melhor estilo *ready-made*, ou melhor dizendo, no melhor estilo *Rufi*, hora reproduzidos repetidamente enquanto advento da *Técnica*.

Por fim, deixo ainda um breve retrato de um *memento mori* que escapou ao instante de sua manifestação e se diluiu no tempo que sempre temos em busca.

A figura de José Rufino, inicialmente, me pareceu mais a de um turista estrangeiro que acabara de chegar de férias de alguma ilha paradisíaca sem o típico bronzeado que se adquire nestes locais. Branco, alto, de cabelos alinhados num penteado sóbrio, esbelto e com uma camisa estampada florida, lembrando os estilos de chita indiano apropriados na cultura brasileira em épocas juninas, caiu meio que de paracaídas na mesa em um *Café* da cidade, onde encontrara seu amigo L. e mais dois *passantes*. Eduardo, que já o conhecia há pouco tempo e Eu. Nós nos digladiávamos entre cafés, pedaços de tortas e discussões sobre a Filosofia de Walter Benjamin, a Antropologia de Eduardo Viveiros de Castro, a Literatura de Marcel Proust e as descobertas da Física Teórica e suas relações com o Jazz. Isso mesmo, o Jazz.

Puxando uma cadeira e cumprimentando à todos, José Rufino se sentou e entrou no papo que se seguiu por outros tópicos neste dia.

Como eu não tinha dimensão de quem José Rufino fosse, e sempre gostei de uma boa conversa, levantei a sobrancelha com tom de questionamento ao mesmo tempo de curiosidade, quando ele, de forma modesta e direta adicionou um tópico a conversa. O tópico em questão fora que ele estava recebendo uma curadora estrangeira e que iria lhe apresentar seu atelier particular.

Muito polido com as palavras, contou graciosamente que havia recebido também uma premiação por uma de suas exposições e comentou o que tinha em mente para as futuras. Acho, que foi neste dia, mais ou menos em Dezembro de 2019, ou seria em Janeiro de 2020, não sei mais ao certo, que José Rufino transpassou em minha vida, me relegando a tarefa de hoje, neste Correio das Artes, apresentar uma parte de sua vasta obra, organizado com muito zelo e deferência pelo amigo Eduardo.

Theo Barreto é um *passante*, que desde o início do texto assinou como [Eu], perdido entre as fronteiras da Alemanha, do Brasil e da Bélgica, faz doutorado em Bruxelas na Vrije Universiteit Brussel - VUB, no departamento de Philosophy and Moral Sciences.

O Brasil que desce a ladeira¹

Aécio Amaral

Especial para o *Correio das Artes*

Em uma das sequências iniciais de *Aponta Pra Fé ou Todas as Músicas da Minha Vida* (2021), de Kalyne Almeida, Martha (Rayssa Holanda) desce uma ladeira no Varadouro, região central de João Pessoa, em direção à casa. Pode-se ver aí uma inversão de uma das mais sedimentadas representações da brasilidade: o Brasil que desce a ladeira com Martha parece bem distinto da visão da mulata que descia a ladeira de um morro carioca ao raiar do dia observada por um João Gilberto boêmio que bebericava em um boteco no Rio, momento recolhido em uma das composições mais conhecidas de Moraes Moreira.

A mulata² que chamou a atenção de João Gilberto, que sintetizaria “a força que tem a mulher brasileira”, desce para o asfalto equilibrando não só uma lata na cabeça, mas as contradições concernentes à fetichização da mulher preta brasileira, que enfrenta sua condição de exploração “com tanta cadência”. Martha, da mesma classe e cor que a lavadeira carioca, volta “do asfalto”, ou melhor, da universidade onde estuda em direção à casa, localizada na comunidade do Porto do Capim. Quem a observa não recolhe a cadência rítmica de seus passos, mas vê como a jovem tenta se equilibrar entre as demandas de estudante universitária, líder comunitária, mãe



Cartaz de 'Aponta Pra Fé...', de Kalyne Almeida: trama gira em torno de dilemas da urbanização brasileira e da relação entre Martha e seu marido, Tiago

e esposa. Sobretudo, move-lhe a preocupação com os estudos, a saúde da avó convalescente e as constantes ameaças de despejo dos moradores da comunidade pela prefeitura da cidade e seu ideário modernizador excludente.

Quando Martha desce a ladeira, um plano sequência no qual o percurso da câmera e a direção de arte exercem papel narrativo fundamental descortina sutilmente uma nova paisagem para o cinema brasileiro. Quando parecemos conduzidos da rua ao rio Sanhauá, onde nasceu a Cidade da Parahyba, a câmera hesita e refaz seu trajeto, fazendo-nos atravessar a casa de Martha para só então chegar ao rio. Os objetos de cena aí dispostos justificam o atravessamento da casa, afinal trata-se de uma casa de esquina entre a rua e o rio na qual vislumbramos tensões concernentes aos dilemas da urbanização brasileira e à trama afetiva que envolve Martha e seu marido Tiago (Bruno Goya). Estes dois pólos de tensão se entrecruzam desde a casa.

Os eventos que ocorrem na casa ou no seu entorno convergem para um tema caro ao cinema brasileiro contemporâneo, qual seja, a reivindicação do direito à cidade por parte da comunidade local (aqui uma comunidade reconhecida como tradicional) em meio a projetos de desenvolvimento imobiliário ou do poder público. O tratamento dispensado à comunidade pela prefeitura da cidade, inspirado em fatos reais, é tematizado a partir do engajamento de Martha (interpretada por uma jovem que é também membro da comuni-



Através da QR Code acima, assista ao trailer do filme 'Aponta pra Fé ou Todas as Músicas da Minha Vida'

¹ Texto produzido através da Oficina de Crítica Cinematográfica promovida pelo Fest Aruanda 2020 em parceria com o site Janela7. Publicado originalmente no Janela7.

² O termo “mulata”, usado na letra de Moraes Moreira, é parte do repertório de certo ideário de brasilidade e atualmente tem sido questionado em razão de sua raiz etimológica, derivada da palavra “mula”, uma designação racista de pessoas birraciais.



Se Martha (Rayssa Holanda) não detém o mesmo capital simbólico que a personagem de Sônia Braga em 'Aquarius', o senso de pertencimento à comunidade é sua arma política

▶ dade) em contraste com o relativo desapego de Tiago. De fato, o desapego de Tiago em relação ao Porto do Capim parece advir mais do trauma recente que lhe atormenta e o distanciará da casa, que da internalização do ideário de mobilidade social que advém de seu trabalho na construção civil voltada à gentrificação da cidade.

Se Martha não detém o mesmo capital simbólico que em um filme como "Aquarius" (2016) a posição pequeno-burguesa assegura a personagem Clara (Sônia Braga), o senso de pertencimento à comunidade é sua arma política. Na composição da heroína em "Apon-ta pra fé...", o senso de pertencimento à cidade é sobretudo pertencimento à comunidade tornada periférica pela mirada modernizadora, ainda que aqui a "periferia" esteja cravada não apenas no centro, no coração mesmo da cidade, mas no seu nascedouro histórico.

No Brasil, desde fins do século 19 modernizar é quase sempre delimitar barreiras entre urbanidade e natureza; a casa de Martha está situada literalmente na esquina desta tensão. De lá vemos a cidade se afastar de seu nascedouro, dar as costas ao rio. É curioso que aqui dar as costas ao rio é dar as costas à própria origem de uma cidade costeira do Atlântico Sul que no entanto surgiu a partir do interior. Ou seja, uma cidade que projeta sua expansão alheia à sua própria origem. A mirada de Kalyne Almeida abre nossas retinas não apenas à comunidade do Porto do Capim e seus embates com o poder público, mas apresenta à cinematografia nacional essa peculiaridade fundadora de uma

das cidades mais antigas do país. Sob este aspecto, o plano sequência acima discutido é também um chamado a que a cidade se volte reflexivamente para sua interioridade originária em contraponto ao poder público, que pretende alijar uma comunidade tradicional dos projetos de gentrificação da cidade.

A peculiaridade acima parece mesmo sobredeterminar a caracterização dos personagens do filme. Se entre sua casa e seu trabalho Tiago perfaz cotidianamente o movimento da cidade de dar as costas ao rio no rastro da gentrificação à beira mar, é no rio porém que ele adentra em busca de desafogo para as tormentas da memória recente e do cansaço ao fim de um dia de trabalho. Embora seja ele o membro do casal a se afastar da casa e da comunidade, é ele quem ainda encontra alento na pesca ribeirinha. Em meio à escalada das tensões, sempre que discute com Martha ele como que emite um apelo oculto do tipo "diz que me ama, porra!" em busca mais de consolo uterino, de anteparo ao deslocamento da origem paterna, que de cumplicidade conjugal. É no rio que Tiago consegue unguentos para a ferida narcísica aberta pela ameaça à continuidade de seu nome, de sua linhagem.

Martha, de seu lado, está afinada com as promessas que a democracia brasileira do pré-golpe de 2016 produziu, e é ao mesmo tempo sintomático e contraditório que ela não usufrua ludicamente

da água, seja do rio que deságua no quintal de sua casa ou no mar onde a pequena Ester brinca. Ao mesmo tempo em que luta pela sua comunidade de origem e pela observância da origem da cidade nos cálculos do poder público, ela se distancia dessa origem no que ela tem precisamente de elemento água ou natureza. Além de um trauma ocasionado pelo rio, o desencontro do casal é também composto pelas formas distintas com que Martha e Tiago se apropriam do espaço ao seu redor, espaço e apropriação marcados pelos hiatos entre urbanidade e natureza.

Imersos nas contradições da modernização brasileira e em busca de origens distintas, Martha e Tiago se afastam, incapazes de contornar o trauma familiar que os afeta e que é motivo de culpa corrosiva para ele e luto altivo para ela. Temos em "Apon-ta pra fé..." um registro das contradições da busca da origem que se situam no limiar entre a crítica aos projetos de urbanização brasileiros e uma atmosfera afetiva cara à Era de Aquário. No cerne desse registro, o rio Sanhauá exerce uma dupla função originária. De um lado, é a partir do registro de suas águas que o filme convida à reflexão sobre os rumos da modernização da cidade em seu distanciamento da origem. De outro lado, as águas do rio também são a origem do trauma que afetará a vida conjugal de Martha e Tiago. O cruzamento entre esses dois planos narrativos confere vigor à trama de "Apon-ta pra fé...", embora o tratamento concedido a ambos seja díspar, com maior peso para o desenvolvimento do aspecto dramático em detrimento da questão política concernente às tensões entre a comunidade e o poder público.

O argumento do filme parece guardar assim uma ambiguidade quanto ao ponto da obra. No início, em um plano sequência anterior ao da descida da ladeira por Martha, somos apresentados às relações entre a comunidade e o rio, o rio e a cidade. O relato objetivo oferece uma panorâmica poética que nos apresenta a cidade a partir do rio em seu encontro com a arquitetura pre-



Inversão: o Brasil que desce a ladeira com Martha parece bem distinto da visão da mulata que descia a ladeira de um morro carioca ao raiar do dia observada por um João Gilberto boêmio

▶ predominantemente colonial. Outras panorâmicas explorarão esse espaço que se constitui no limiar entre natureza e arquitetura, chamando atenção para uma paisagem virgem na cinematografia brasileira. Em meio a esse limiar aos poucos somos introduzidos ao universo do conflito afetivo de Martha e Tiago, que acaba ganhando proeminência em relação ao engajamento político da heroína. Há aí uma assimetria no desenvolvimento das subtramas que compõem o enredo maior, que nos direciona mais para o elemento dramático.

O roteiro explora bem o potencial dramático representado pela força de uma ausência. Enquanto a presença fantasmática do ausente atormenta Tiago, Martha se empenha em se equilibrar entre as demandas políticas, profissionais e afetivas, buscando a justa medida entre saudade e esquecimento. O emprego de elipses confere dinâmica ao filme, o que faz que o roteiro ganhe em agilidade, embora às custas da subelaboração da outra linha narrativa que se anuncia no início, mais política. Ainda sobre o aspecto dramático, o final aberto faz jus à complexidade da trama que envolve o casal. Não sabemos, e talvez nem ela própria saiba ainda agora, se prevalecerá novamente em Martha a atitude de esquecer ou o afeto da saudade. O título do filme parece sugerir a primeira via, mas não se tem elementos suficientes para optar por essa

conclusão.

A elaboração de uma paisagem que reverte os códigos de objetificação do “popular” ou da mulher em apropriação do espaço por personagens com ancoragem política, é uma operação que requer uma sintaxe cinematográfica que combine tratamento visual e a perspectiva subjetiva desses personagens. Kalyne Almeida nos oferece um exercício produtivo na construção de uma sintaxe com esses contornos. Os momentos poéticos dessa sintaxe, no entanto, pertencem à mirada da diretora sobre a cidade que cresce a partir do rio e não à heroína da estória. Isso não apresenta necessariamente um problema, mas um descompasso em termos do empoderamento que se quer conceder à heroína.

Um outro plano sequência ao final do filme ilustra esse possível descompasso. Nosso olhar é conduzido pela câmera a partir das águas do rio, atravessa novamente a casa de Martha, cuja luz à porta prenuncia a rua. Temos aí um movimento inverso ao do plano sequência da descida da ladeira, menos detido que o primeiro, cujo subtexto é a transformação pela qual a casa passou. A casa não é mais a mesma, sua dona também não. Essa transformação da economia afetiva da casa e mudança emocional da heroína é

transmitida do ponto de vista do relato objetivo. Novamente, isso não é necessariamente problemático, mas sente-se falta da mirada subjetiva de Martha.

Apesar de apresentar uma perspectiva a partir da qual a heroína não é objetificada, como em representações da brasilidade (mesmo nas bem intencionadas, criadas por artistas progressistas) entre as décadas de 1960 a 1980, sentimos falta de maior organicidade na construção imagética da relação entre Martha e a paisagem na qual ela se insere. Ela decerto se apropria e interage com aquela paisagem, não tem ali uma presença decorativa ou pitoresca. Porém, a forma de sua incorporação proativa à paisagem, pela via do engajamento comunitário, não encontra similar na transmissão de seu olhar subjetivo. A aproximação de Kalyne Almeida à comunidade do Porto do Capim, por outro lado, já rendeu, com este seu primeiro longa-metragem, uma mirada poética com lances dignos de nota. ◀

Aécio Amaral leciona Sociologia da Arte no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa. E-mail para contato: amaracio@gmail.com

Férias na Disney



A poesia de *Férias na Disney* (Patuá, 2020) de cara quebra as pernas do leitor. Mesmo daquele já prevenido desde *Alarido* (2015), o nada convencional livro de estreia de Bruno Molinero, poeta que veio pra desafinar o coro, o solo, o duo, o escambau da poesia contemporânea brasileira.

Quando da publicação de *Alarido*, escrevi: “Em Bruno Molinero a palavra colhida do jornalismo é reciclada por imagens e montagens estruturais que desconstroem a percepção viciada do leitor e inauguram um novo momento. Cada poema está no limite do prosaico. A poesia narrativa de Bruno Molinero é neo-épica,

sem deixar de ser lírica. Ele estreia com marca própria. Que venha o novo livro”.

Seis anos se passaram para que *Férias na Disney* fosse lançado. Demorou, mas valeu a espera.

Se o livro inicial apostava mais no aspecto formal, com os poemas estruturados como depoimentos em primeira pessoas, versos curtos, ritmos acelerado, este vai num híbrido de poesia e prosa, centrado no comportamento da classe média paulistana.

Em ambos, a música é um ponto alto, tornando o texto até cantável, como se fosse um rap. Um rap de áspera crueza, humor mordaz e aguda ironia. Moral: O riso resultante é um envergonhado “caramba, mas é isso mesmo, poeta?”. Para logo depois gerar a indagação “e agora?” como na antinomia drummondiana.

Mas se na poesia do poeta mineiro o riso é corrosivo, na poesia Bruno Molinero o riso é demolidor. Seu alvo é a sociedade paulistana, brasileira, de um presidente que face a duas centenas de mil mortos pela COVID 19 ironiza “e daí?”. A indagação que indignou o país é agora um verso e passa a ser história literária da poesia contemporânea deste país.

Se na idade média a “verdade” era teológica, hoje ela é política, social, econômica. Assim, o poeta não se exime de usar a poesia ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Bruno Molinero e a capa do seu novo livro de poemas: demorou, mas valeu a espera!



◆ festas semióticas

► como elemento de comunicação e utopia por um mundo melhor. Uma poesia que não aceita ser é líquida. Antes, firma-se como matéria concreta, feita de signos materiais ideológicos, produzindo elementos para consciência de classe.

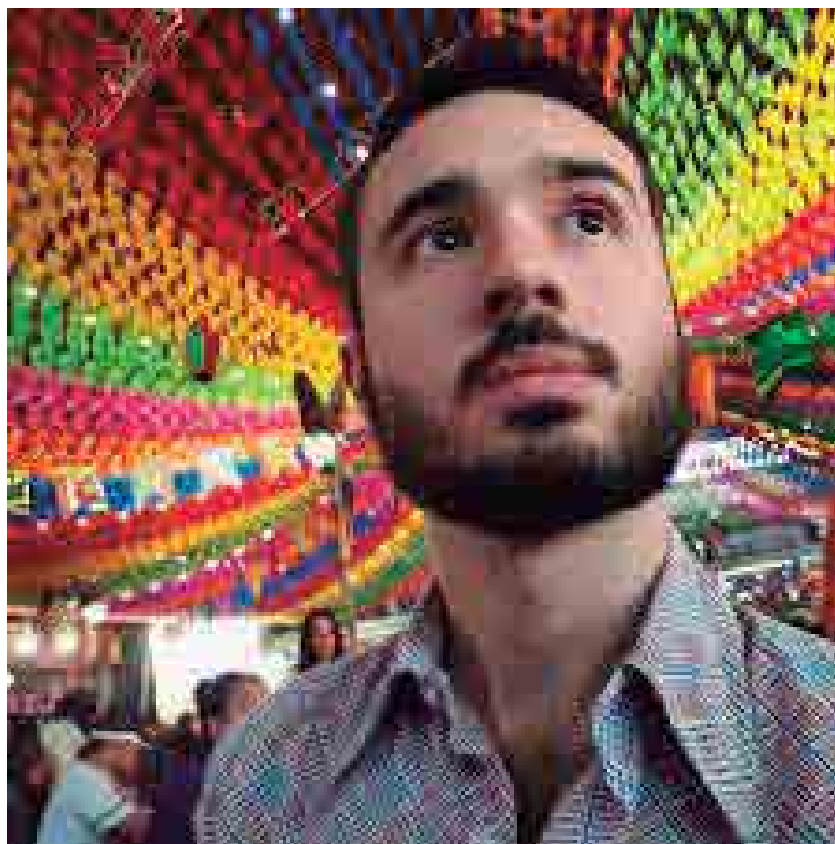
No entanto, Bruno Molinero sabe que não vale a pena fazer da poesia um panfleto, nem discurso didático. Para ele, em primeiro plano está a linguagem. Por isso diferencia jornalismo de linguagem poética. Poesia é linguagem, todavia, carregada de significado, como bem claro deixou Pound em seu *ABC da Literatura*, um livro mais citado que lido.

Quanto ao engajamento da obra de arte, o poeta de *Férias na Disney* tem claro: “A arte militante tem uma chave de leitura só, deve ser lida daquela maneira para chegar ao significado que o autor quer. Eu queria que existisse no meu livro uma chave mais ampla de leituras”.

Por isso mesmo, em *Férias na Disney*, carrega sua linguagem de significado em alta voltagem. A classe média, que frequenta a Disney, é destrinchada nas profundas entranhas. Não em sentido econômico, mas como um “estado de espírito”, aquela que viaja pelas telenovelas, programas de auditório, reality show, big encações religiosas, etc., veste-se e consome exageradamente, que perdeu a delicadeza do bom convívio social, que vota movido pelo ódio de classe, que menospreza a cultura, que promove aglomerações na pandemia, etc. – esse o público-alvo retratado pelo livro.

Ao poeta não escapam os fenômenos psicológicos e sociais desta classe. Os poemas surpreendem, ora pelo corte curto da lâmina dos versos, ora pela discursividade sem cerimônia do texto. Tudo na mais corrente coloquialidade.

E aqui, na contramão da poesia marginal, a coloquialidade tem funcionalidade e serventia. É uma apropriação da linguagem cotidiana em que a forma e



Bruno Molinero, poeta que veio pra desafinar o coro, o solo, o duo, o escambau da poesia contemporânea brasileira

o conteúdo comentam-se reciprocamente gerando maior taxa de informação.

O poema “anúncio”, um misto de colagem de publicidade jornalística com clímax aos moldes dos contos à la Poe, com o rasgo da ironia mais gritante, é um exemplo:

*aluga-se
quarto
pra casal
homem
e mulher
sem vícios
mobiliado
com cama
criado-mudo
bíblia e um
trinta e oito
carregado
na gaveta*

Não bastasse a bíblia e o trinta e oito repousarem juntos na gaveta do criado-mudo, ele ainda está carregado. Ou seja: mudo fica o leitor, sentindo-se imobilizado – ou mais um

móvel no ambiente do anúncio. Nova ironia: lembre-se que um dos sentidos de anunciar é prenunciar.

Mas se há algum prenúncio neste livro, ele advém da observação, anotação e revelação dos fatos. *Férias na Disney* é um livro pitoresco, no sentido de pictórico. É um livro do olhar, da visão. Não é um grande mergulho no mundo interno das pessoas, suas angústias, dúvidas, hesitações.

Mesmo no poema “gatilho”, em que relata um suicídio, tudo é asséptico. Até o final trágico é revelado, e resolvido, num verso e numa palavra. Depois de tomar veneno de rato, o marido

◆ festas semióticas

▶ *abraçou aquela que foi
sua companheira por vinte anos
na tristeza na doença na morte
que os separe
amém
e enfiou pela primeira vez
o dedo no próprio
cu*

A caracterização da interioridade das pessoas dá-se mais pela descrição de suas circunstâncias exteriores. Raramente os sentimentos são apresentados *per si*.

No geral, há um radar narrativo colhendo imagens na Disney, ruas, praia, cafeteria, frente à pizzaria, avião, praça de alimentação e lugares não nomeados – mas com ações bem definidas. O que acaba ampliando o alcance metafórico do poema.

O retrato do país, hoje, é traçado em cinco palavras no poema “você não acredita”:

*o meu dentista
também entrega
pizza*

Concisão, ironia e rigor determinantes de uma inversão de valores. Visto como uma mancha gráfica, o poema desenha uma bandeja com a pizza embaixo. O incômodo visual é isomórfico ao incômodo semântico. Cabe ao leitor agir como coautor do poema e, conseqüentemente, do mundo, resolvendo o incômodo: utopia da poesia.

Poemas que se abrem com cena ou diálogo em andamento são outro procedimento de que se vale o poeta. Isso pega o leitor de jeito e o enreda no poema sem maiores firulas. “açougue” é assim:

*não
não
o que ensinei naquele vídeo
foi a desossar leitão inteiro
só isso
como posso ter culpa do que
aquela molecada aprontou?
rejeito
nego
recuso*

*afinal
todo mundo gosta de assistir
barriga de bicho sendo aberta*

Para depois continuar num delicado jogo de /f/ e /a/ e /i/

*quando faca afiada de lâmina fina
corta superficialmente as costelas
tiradas osso a osso a osso a osso
é como se eu pegasse as cédulas
desviadas de nossas mil estatais
e escancarasse o sistema podre
berrando
vagabundos
canalhas
o porco escovado ao vivo
com suas miudezas flácidas
a coluna vertebral já extraída
garras ósseas feito crustáceos
dedos em menstruação suína
zurro
suado
mexido
quando foi a última vez que
você saiu de casa sem medo?
hein?
quando?
faz tempo?*

E segue o poema para mais adiante anunciar:

*Mas nunca nunca podia pensar
Que essa molecada tão jovem
Faria uma barbaridade dessas
Jesus
Tão menininhos tão menininhos
Meus sentimentos à família
Lamento
Mas e daí?*

Sua linguagem coloquial, direta e clara às vezes pode nem parecer poética. Mas o ritmo, marcado pela forma como o poeta corta os versos, imprime a musicalidade a que todo poema aspira ter. Sem contar o uso de assonâncias (sequência de vogais abertas, fechadas ou nasalizadas com determinado propósito) ou de aliterações (consoantes, com a mesma finalidade) deixam ver

claramente que o poema possui rico substrato musical.

Embora os “recursos literários tradicionais” parecem não estar nos projetos deste livro. O poeta, até nisso, decidiu inovar. A poeticidade está em novos procedimentos, como estamos vendo.

Ainda que Bruno Molinero não se considere poeta, embora seja um estudioso da linguagem poética, sua poesia está aqui para desmenti-lo. Em mais um depoimento a Walter Porto, como nos citados anteriormente, declara: “Suponha que além de trabalhar em jornal eu goste de fazer cadeiras. Por mais que no meu tempo livre eu estude isso, faça cadeiras e as pessoas até elogiem as minhas cadeiras, a pergunta é se isso me faz um marceneiro. Eu acho que não. Poeta é o Manuel Bandeira”.

A estrutura das premissas é verdadeira, mas elas, em si, são falsas. Ao invés de um silogismo temos um sofisma. Tanto que a própria conclusão não é um “logo”, mas um “acho”. Risos.

Portanto, podemos afirmar, diante do lido e demonstrado, que com *Férias na Disney*, Bruno Molinero firma-se como um dos mais expressivos poetas da nova geração da poesia brasileira contemporânea. ✦

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Tudo é Rio

Ana Adelaide Peixoto
Especial para o *Correio das Artes*

FOTOS: DIVULGAÇÃO



*O amor é uma
verdade à prova
do tempo.*

(Prefácio, Chris Guerra)

*Carla Madeira e
a capa de 'Tudo é
Rio': tanta poesia
literária pra falar
de assunto tão
forte e difícil*

Foi um rio que passou em minha vida! Lembrei dessa trilha sonora ao ler esse livro, *Tudo é Rio*, de Carla Madeira, Belo Horizonte: Quixote, 2014. Não conhecia a autora, que se diz – “Eu me sinto equação-imprecisa-de-poesia-exata, ou qualquer outra combinação dessas palavras que se possa inventar.” Uma outra margem – a do rio! Água, corredeira, rio, mar, lágrima, alagados, correnteza, mar furioso, água triste:

“Ela me perguntou o quanto eu a amava. Reuni em vidro todos os humores vertidos: Sangue, sêmen, lágrimas. Amo você tantos rios.” ▶

► O romance foi um susto para mim. Que livro! Elejo o melhor que li em 2020! Um soco no estômago! As mulheres! As putas, tristes, ou não. Que tanta poesia literária pra falar de assunto tão forte e difícil. O poder do sexo. Do amor. Da dor. Do sofrimento. Da alegria. Da vida! E do perdão!

Uma puta chamada Lucy; uma mulher chamada Dalva, e Venâncio. A história triste, dura, e as tragédias de cada um postas em água mole, em pedra dura. O poder das mulheres, sejam elas putas, ou não. Tristes ou não. O poder do sexo, do silêncio e do perdão. E o que uma rejeição não faz! O ciúme. Esse sentimento do diabo. Um peito que amamenta o filho, e o que os olhos desconfiados não dividem. O tempo. Um vestido florido. Uma borboleta. Esse bichinho colorido e de asas, que tem casulo e lagarta, e que a psicologia o denomina de símbolo da transformação. E é sobre isso de que trata o romance. A transformação. Dos personagens, dos sentimentos ruins e bons. E da vida.

Lucy tinha um corpo indecente, que convidava aos berros línguas e mãos. Mas Venâncio gostava de puta que dava mal. A sua ferida era outra. Mas e o amor? O que seria? Um monte de gostar, um gostar de muitos verbos ao mesmo tempo. Onde os amantes parecem eternos de tão juntos! Mas e a loucura? Começa como doença, miúda. “a dor da infidelidade, traição...ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordo e nu, estava lá entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado.” A dor! Putas e Santas, cada qual que sabe a hora mais triste do dia. E as partes que podem ser lambuzadas. “Para as beatas, qualquer lambança no corpo contamina o coração.”

Carla fala com propriedade da competição feminina. De forma feroz. Cruel. Azeda. Má. E o poder sobre os homens: “Vocês vão me querer para o resto da vida; vão sonhar com isso quando se deitarem com suas mulheres secas, cheirando a sabonete cremoso, mas esse cheiro aqui de mover pau vocês não vão sentir mais.” A vingança das pernas!

Mas da competição ardida, ela vai para o extremo. Da solidariedade feminina ao infinito. Da sororidade. Da identificação. Da ajuda incondicional. Ao perdão. E aceitação.

Lucy tinha rancor. Recalques.

Mas logo cedo descobriu do que um par de peitos podia fazer. E listou: dentista, prefeito, comerciante, até o padre, para cair nas suas graças. Bastava um decote, um olhar, uma língua e até o tio caiu feito uma pata choca. O dia da missa e do sagrado foi o escolhido para a tia fazer o flagra. E daí em diante, tudo o que fez foi seduzir e ter os homens à mão. Menos Venâncio. E esse não mexia na sua ferida narcísica. Daí em diante só lendo. “Boas punições são as que fazem sofrer. A vara educa”

Muito interessante as denominações das Putas dadas pela autora: Putas-rainhas; Puta-deus; Puta-vingem; Puta-despeitada-no-surto; Puta-ingênuas; Puta-vingem-de-amor; Puta-meiga. Puta-poderosa..A beleza tem poder de arrancar o sim.” E “o amor não é incondicional coisa nenhuma, tem suas fragilidades de matéria orgânica. Estraga, esgarça, rasga, inflam, acaba.”

“É preciso uma coincidência qualquer para que o amor se instale. Existe um certo milagre nos encontros. Não é tolo dizer que o amor é sagrado” E pra Dalva e Venâncio esse amor chega. Mas tinha também o abismo e seus poderes: “Penetrava em Dalva como se saltasse para a morte.”

Carla trabalha sentimentos não tão nobres como a inveja, o mal, a crueldade, o surto, a opressão, a descrença, e leva isso para o texto: “O pior de nós tem seus encantos; o sofrimento tem poder; Deus, mãe? Deus não me dá nada, só tira; É no corpo, no amor e na liberdade de escolher as coisas que a gente fica inteiro ou despedaçado; a tristeza profunda: Era um homem morto no corpo vivo, sem vontade de gozar.”; a submissão consentida: “O jeito de mandar nela sem força, fazer ela querer o que ele queria trouxe a novidade da submissão”. O mal: “Na vida, o mal resolvido sempre tromba na gente, ninguém escapa das tangentes.” O ódio: “O odioso valente que sentia por Dalva sequer triscava no fígado dela. Loucura, vingança, castigo, sofrimento: A maior maldade de todos os tempos, a mais cruel, foi

inventar que o sofrimento está para o bem assim como o prazer está para o mal”.

Para que serve ser livre? Os personagens se perguntam. A escolha de ninar um filho? De judiar um filho? Ou alguém? A Culpa? “A liberdade é uma conversa fiada, é palavra de efeito, sempre no meio de uma frase para impressionar os desatentos, no fundo estamos presos à incapacidade de ser outra coisa diferente do que somos, do que a história da gente tramou”. O Perdão? “O perdão não muda o passado,...o passado é eterno”.

E as escolhas? Nessa história elas estão determinadas: “Ninguém monta na vida. Brincamos de escolher, brincamos de poder conduzir o destino. Precisamos dessa ilusão para viver os dias de antes, dias em que podemos tudo só porque pensamos poder, e então a vontade do que está fora da gente joga sua sombra densa e pegajosa. Ficamos prisioneiros do que não queremos muito antes da morte.”

A gravidez de uma puta descrita sem romance: “Sentir o filho crescer tirou tudo do lugar, o bom e o pior da sua vida há anos decantados, escondidos nas dobras do intestino, no fundo do fígado, nas tripas, debaixo do bucho, tudo lá soterrado, parecendo não existir, foi expulso. O caldeirão onde a vida ferve engrossou seu caldo mágico. As certezas saíram no xixi.”

O perdão, essa força grandiosa que deveria reger a vida. Mas e a violência? Tem uma mulher o direito de perdoar um homem que bate nela? Mas Dalva se alimentava de urgência e ao final, estava pronta para atravessar o mar. A vida é soberana diante de tudo mesmo e Dalva pensou e ouviu: “Tudo passa, ...A vida dá um jeito de manter a gente vivo mesmo quando a gente morre de dor.”

Tudo é Rio é principalmente sobre isso. O perdão e a vida. E o amor: “O amor é alegre e os bordados contariam suas histórias.” Mais ainda – “O caminho alagado trazia a promessa dos corpos úmidos”

E o rio, tudo, tudo tudo, passaria. ❖

Ana Adelaide Peixoto é professora aposentada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (Dlem) da UFPb. É doutora em Teoria da Literatura; colunista do jornal *A União* e tem dois livros publicados: 'Brincos, Pra Que Te Quero?' e 'De Paisagens e de Outras Tardes' (2016). Mora em João Pessoa.

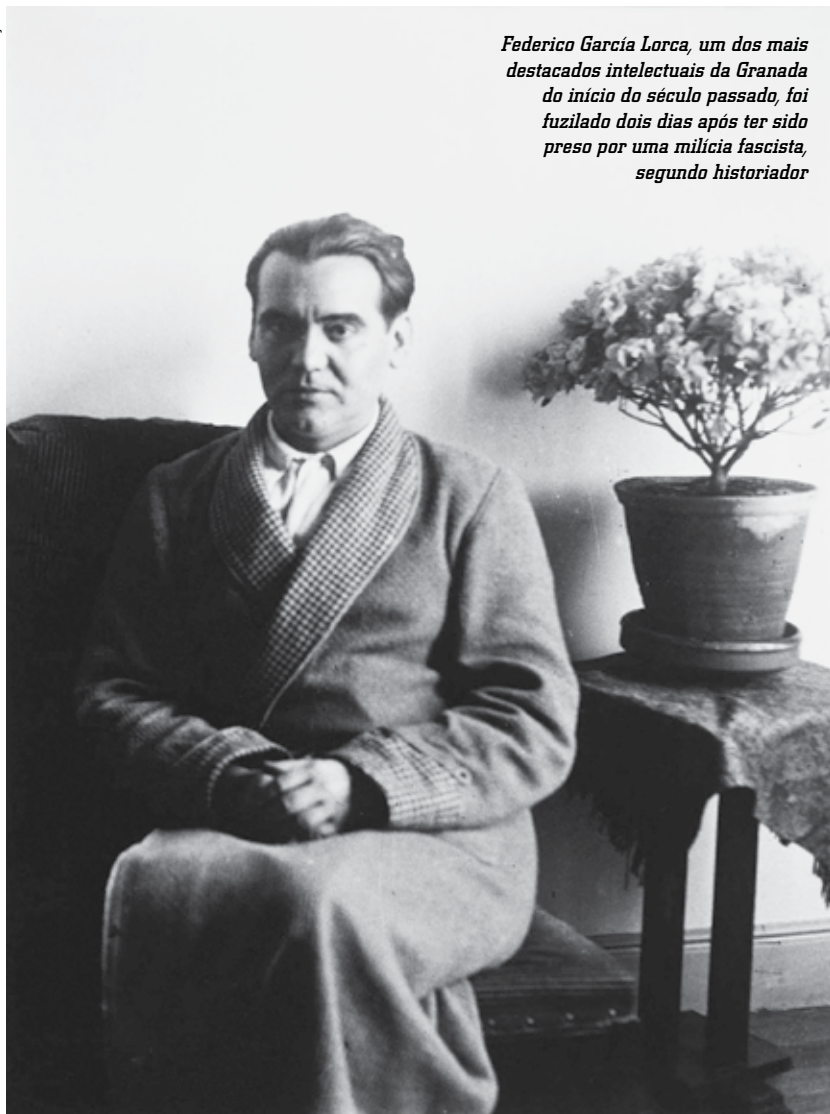
FEDERICO GARCIA LORCA: **Uma morte** **em família**

Irani Medeiros

Especial para o Correio das Artes

No dia 19 de agosto de 2021, completam-se 85 anos da morte do poeta da Andaluzia, Federico García Lorca (1898-1936). As razões e implicações só agora são reveladas pelo historiador Miguel Caballero. Foi assassinado à margem da estrada Viznar-Alfaca, na sua província natal. Foi fuzilado dois dias após ter sido preso por uma milícia fascista. Como foi possível o

FOTO: REPRODUÇÃO



Federico García Lorca, um dos mais destacados intelectuais da Granada do início do século passado, foi fuzilado dois dias após ter sido preso por uma milícia fascista, segundo historiador

fuzilamento sumário, a agressão covarde contra um dos mais destacados intelectuais da Granada do início do século passado, um poeta já muito conhecido na Espanha. Tudo isso foi atribuído ao descontrole do fascismo nas suas três vertentes: a intenção de prender, a da decisão de nem “julgar” e da ordem, por fim, de executar sem mais demoras. A pergunta que se faz é: quem foi o responsável? E por quê?

Essa pergunta esteve posta desde que começou a circular largamente a notícia da morte do homem que, segundo relatos da época, chorou na madrugada, diante do inacreditável fato de que iriam fuzilá-lo. Existiam “motivos” políticos para a ousadia de matar um poeta já muito conhecido, na Espanha e no Exterior? Sempre houve algo de estranho nesse crime, além de coisas muito obscuras, telefonemas, discursões, ordens e contraordens, e até uma arma apontada para a autoridade de Granada – por um fascista da Falange, em defesa do preso.

Se faz necessário, recontar um pouco da tragédia, desde antes daquela manhã fatídica e, para isso, devemos pensar em Federico, ainda em Madri, sendo desaconselhado à ideia de seguir “para casa”, justamente para fugir dos perigos da capital, naquele primeiro ano da Guerra Civil. Os amigos tentaram fazê-lo desistir da viagem e permanecer entre eles. Alegavam que, na pequena Granada, ele estaria “mais exposto” do que na grande cidade, porém o poeta argumentou que lá na Andaluzia, todos o conheciam e sabiam das suas origens. Ninguém conseguiu demovê-lo do intuito de assim se proteger e, dias depois, o poeta viajaria para Granada – e para a morte.

Foi estabelecido um mito sobre a morte de Lorca pelo biógrafo irlandês Ian Gibson, cuja obra serviu para levantar o “cânone” e colocar uma versão do assassi- ▶

▶ nato eminentemente “político”. Para Miguel Caballero, A casa de Bernarda Alba traz pistas sobre a morte de Lorca, já que expõe os conflitos da família. Pesquisas mais fundas foram, recentemente, bem mais eficazes no levantar das discórdias e invejas no seio dos quatro ramos familiares, no caso de Lorca: os Roldán, os Benevides, os Albas e os Garcia da linhagem paterna do poeta assassinado.

Longe da idealidade firmada – com as melhores intenções – por Gibson, de imediato devemos ouvir o historiador andaluz Miguel Caballero, dentre outros que foram revolver os quintais domésticos, na retaguarda de Viznar-Alfaca: “Afirmar que mataram Lorca por ser homossexual e “vermelho” é uma simplificação que já não se admite. As verdadeiras razões de seu assassinato devem ser buscadas na sua própria família”.

Outro pesquisador incansável, Manuel Ayllón, arquiteto e autor de *Granada, 1936* (Editora Stella Maris), também é taxativo sobre isso: “Lorca não era um problema político, não “militava” no sentido estrito, e podia ser extravagante, incômodo e meio afrontador nos seus hábitos joviais, mas nunca foi um perigo para absolutamente ninguém; politicamente não era visado pelos fascistas, uma vez que era inofensivo. Na realidade, contra ele não houve sequer uma ordem de detenção assinada. Federico foi simplesmente levado da casa dos Rosales, que lutaram para libertá-lo no minuto seguinte e não descasaram nos dois dias subsequentes. O poeta Luís Rosales, irmão de dois falangistas, foi visitá-lo, pelos dois dias, na prisão perto de Granada.

Ninguém imaginava que ele corresse qualquer risco de vida, na prisão. Seguiam tentando tirá-lo de lá, quando veio a notícia da sua morte por um pelotão que incluía membros do quarteto de famílias proprietárias da Veja de Granada que, então, estava dando bons lucros a Federico Rodriguez e aos seus Lorca-Garcia”.

Não é, de modo algum é “teoria conspiratória” surgida 80 anos depois. Nem envolve somente as pesquisas de Caballero e Ayllón, mas começou a abalar até as antigas certezas de Gibson, que está, no momento, empenhado em rever suas descrições, desde o “sequestro” no dia 17 até a execução apenas dois depois, sem julgamento e causando, mesmo, alguma desagradável surpresa nos círculos mais próximos do quartel general de Francisco Franco.

Miguel Caballero é quem aponta pistas para desvendar os mistérios que envolvem a morte de Lorca, segundo ele sempre esteve ali, representada pela escrita de punho e letra pelo poeta: trata-se de um presságio fatídico que, agora, oito décadas depois do crime, assume outra dimensão. *A Casa de Bernarda Alba* foi uma vingança literária – enfatiza o historiador de Granada. Caballero vê a peça – que foi encenada quase em todo mundo – como sendo um dos fios condutores da morte, os quais estão sendo desenrolados por mais de uma dezena de pesquisadores que investigam a história da família desde a metade do século 19. Nesta época, a Veja de Granada estava em poder de uma aristocracia residente em Madri, e que viria a cair em ruína no alvorecer do século 20. As terras foram, adquiridas por um grupo da burguesia ascendente na Andaluzia, no qual figuravam o pai de Lorca e seus parentes, os Roldán e os Albas.

Caballero escreve: “Eles foram comprando as terras de modo coletivo, através de sociedades. E estes campos vão adquirindo muito valor com o plantio de cana de açúcar, enquanto a região de Granada de 21 engenhos se converte na província mais rica da Espanha. O pai de Lorca participa como acionista de vários deles. E a disputa começa com a divisão dos lucros e uma tentativa de dividir as terras, porque nem todos tinham as terras como as mesmas condições de água e fertilidade, sendo daí que surgiram os primeiros desenten-

dimentos entre os Roldán, os Lorca e os Albas. Uma mesma família, na verdade, porque eram endogâmicos: casavam-se entre si, a fim de manter as terras entre eles.

A Casa de Bernarda Alba, Federico se inspirou em personagens reais, entre os quais encontramos Francisca Alba Sierra, uma mulher forte e que se comporta de forma tirânica mostrada nos palcos, para desagradado dos Albas de carne e osso. Para eles a peça cheirava mal e tinha insinuações altamente desrespeitosas.

Ainda a escrita de Caballero, os Lorcas possuíam uma residência de verão granadina – a Huerta de San Vicente –, que foi assaltada em 9 de agosto de 1936 por alguns primos de Lorca, do ramo dos Roldán, tidos como conspiradores contra a República. Além dos Roldán, o historiador Miguel Caballero lembra que outros familiares estiveram implicados nos atos de detenção e execução de Lorca, notadamente Antônio Benevides, que era sobrinho-neto da primeira mulher do pai do poeta e acusado de disparar, pelas costas, a sua cabeça, na manhã fatídica, tendo o ódio político e o preconceito como pano de fundo.

O fato é que: a 80 anos foi assassinado o maior poeta da Espanha, que envolve questões políticas, disputas financeiras, familiares e preconceitos. Mas, os versos do poeta jamais morrerão, o homem sim, mas, sua belíssima literatura está imortalizada para sempre. ✦

Irani Medeiros é poeta, biógrafo e pesquisador. Nasceu no município de Pombal (PB), mas está radicado na capital, João Pessoa desde os anos 1980. Tem vários livros publicados, entre os quais, 'Fabião das Queimadas: De Vaqueiro a Cantador' (2017).

Linguística forense



Na coluna passada, falamos sobre as marcas indelévels de personalidade que um autor vai deixando em seu texto. Esse fenômeno, estudado pela literatura e pela psicologia, foi responsável pela criação de um ramo específico ▶

FOTO: REPRODUÇÃO



► da criminologia chamada “linguística forense”, já consolidada como uma ciência e admitida em tribunais como parâmetro de análise da perícia, em evidências de casos como golpes ou homicídios, por exemplo.

Disponível na plataforma de streaming Netflix, a série *Manhunt: Unambomber* (2017), narra a origem da linguística forense, insuspeitamente ligada ao caso do terrorista estadunidense Ted Kaczynski, um ex-professor de matemática que se mudou para as montanhas e, entre os anos de 1978 e 1995, enviou bombas caseiras pelos correios para pessoas que trabalhavam com a área da tecnologia.

Na narrativa seriada, o agente Jim Fitzgerald (Sam Worthing) junta-se a uma força tarefa do FBI para tentar elaborar um perfil criminal do suposto serial killer, de métodos tão inusitados. Enviadas

de vários estados, em diferentes datas (dois dos atentados ocorreram num intervalo de 17 anos), as bombas não chegavam a oferecer pistas suficientes para a elaboração de um padrão de comportamento, algo fundamental no rastreamento de sua possível identidade.

Um ponto crítico na elaboração deste perfil é a publicação de um manifesto escrito por Kaczynski num jornal de grande circulação no país, algo providenciado pelo FBI como barganha diante da ameaça de um novo ataque. A análise do documento por Fitzgerald, a princípio desacreditada pelos seus colegas de FBI, começa a ganhar crédito a partir do momento que ele consegue pistas concretas da biografia de Kaczynski a partir de expressões que ele utiliza do texto.

Uma das expressões é o ditado popular em inglês “*You can’t have your cake and eat it too*” (em tradução literal: “Você não pode ter o seu próprio bolo e comê-lo, também”, no sentido de que você não pode, ao mesmo tempo, economizar enquanto gasta: guardar o seu bolo, enquanto o come). No manifesto de Kaczynski, imponentemente intitulado “A sociedade industrial e o seu futuro”, a expressão aparece em sua corruptela: “*You can’t eat your cake and have it, too*” (“Você não pode comer seu bolo e tê-lo, também”), uma variante utilizada sobremaneira entre as décadas de 1930-1940, o que, se não dava uma ideia da faixa etária de Ted Kaczynski — efetivamente nascido em 1942 —, pelo menos fornecia pistas de sua personalidade: introspectivo, pouco contato com pessoas mais jovens, fruto de um ambiente acadêmico ou predominantemente dominado por pessoas mais velhas que ele.

A publicação do manifesto, criticada pelas instâncias superiores

do FBI e defendida com unhas e dentes por Fitzgerald, acabou levando à identificação precisa de Ted Kaczynski depois que o seu irmão leu o texto no Washington Post e aquela expressão, escrita de forma equivocada, também lhe chamou atenção. O ditado aparecia numa carta escrita pelo irmão caçula para a mãe. O estilo de escrita, ademais, batia com todas as cartas enviadas por Kaczynski das montanhas, e algumas repetiam suas mesmas ideias a respeito dos rumos que o capitalismo industrial estava tomando no mundo.

Ted Kaczynski foi preso e condenado a oito sentenças consecutivas de prisão perpétua, sem direito a recurso, pela morte de três pessoas e a tentativa de homicídio de outras vinte e três. Fitzgerald aposentou-se do FBI e tornou-se um autor de best-sellers da área da linguística forense. Para além da grafologia (que procura apontar traços da personalidade de um indivíduo a partir da sua caligrafia), essa área fascinante da ciência forense nos faz pensar que os flertes da literatura com o crime vão muito além da ficção policial.

Num texto, nenhuma palavra é inocente. Nossa linguagem é também uma impressão digital, e aqui é impossível usar luvas: quanto mais tentamos esconder nossas ideias com nossas palavras, mais elas se revelam nas entrelinhas. Talvez seja a isso que se refiram os antigos, quando dizem que a boca fala do que o coração está cheio. Num mundo tão despreocupado com o significado das palavras, nunca ficou tão fácil descobrir o caráter das pessoas a partir do seu discurso. ✦

Manhunt: Unambomber narra a origem da linguística forense: através de um texto, FBI chega, enfim, a pista de um serial killer

Tiago Germano é escritor, autor do romance “*A Mulher Faminta*” (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas “*Demônios Domésticos*” (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.

Carlos Cardoso

Se me perco

Nesse instante
um filme sem pausa
e sem reprise
me atormenta
não consigo
ouvi-lo ou vê-lo
nada me alimenta
minhas pernas
andam mais
inchadas
o líquido que
meu corpo retém
contém fibras
sal e gordura
talvez seja isso
que nessa tarde
figura
alguns espasmos
de brandura
e meu uniforme
amassado
assim ganho
um pouco
mais desse dia
se perco
a companhia
é nela
que reencontro
meu uniforme
amassado no
cabide
e alguns espasmos
de brandura.

O barco

Essa paisagem me pertence,
mar, árvores, ferrugens, aves.
O bondinho quando parte
sob as nuvens ou sol poente
não voa como um pássaro,
é barco a remo.
As ondas borbulham,
Ora
é água gelada
que transpiro,
enquanto
ergo esse impenetrável muro,
e apenas
olho,
admiro.



Carlos Cardoso nasceu no Rio de Janeiro. Seu primeiro livro, *Sol Descalço*, foi lançado em 2004 e o fez se destacar como um dos mais proeminentes poetas de sua geração. É autor, também, de *Dedos Finos e Mãos Transparentes* (2005), *Na Pureza do Sacrilégio* (2017) e *Melancolia* (2019).



No seu olhar

Reparei no seu olhar
vestígios enigmáticos de felicidade,
há uma solução saudável
para esse sentimento quase infante,
mas cada qual cumpre seu destino,
alguns partem, outros chegam,
poucos se encontram.
A noite é repleta de esquinas escuras, eu sei,
perambulo por entre as vielas do acaso.
Hoje vejo um luar brilhante
e nele as estrelas me admoestam,
mas é inútil, reluto em acreditar
no que vejo, é que o seu afeto
não existe da forma em que o desenho,
ou, se existe, é tão assustador
que tentas com toda força negá-lo,
abro mão das metáforas
e das formas subjetivas e imagéticas
que a poesia busca a todo custo
para camuflar o que é dito,
mas não silêncio,
grito aos sete ventos que a encontrei
apesar dos sons dos pássaros
e da serenidade do mar
dizerem que não.



Órfão

Jennifer Trajano

Especial para o *Correio das Artes*

as lembranças de mamãe encontram-se perdidas para sempre dentro dos labirintos da minha memória. por recordação, nunca nasci vivo fulano aos olhos da pessoa mais importante dentro do miocárdio repertório. é duro vê-la me olhar sem ter a ciência de quem está diante dela, seu próprio filho.

a doença de mamãe consumiu a sua alma. sem os olhos outros olhos ainda veem. sem audição outros sons ainda nascem, mas, sem a memória, até a dor do parto falece para sempre. quando mamãe contraiu alzheimer, cada memória esquecida moldava a faca de minha morte.

às vezes, ela cantava as músicas que há muitos anos fechavam os meus olhos, mas quando eu perguntava se havia alguma associação entre a melodia e sua vida ela não sabia dizer, pois agora era ela a fechar as pálpebras. mesmo assim, o peso de meus olhos cerrava a íris, dessa vez para tapar e não deixar transbordar a esperança de ver e ouvir uma fita sem filme.

às vezes, fiz-me de cineasta: improvisava roteiros de momentos, documentara fatos.

desde sempre a médica orientou que não seria fácil, que degenerava. sim, eu idem. ainda degenero. degenero junto com a máquina-ferrugem de lembranças.

recordo, quando pequeno: gritava com mamãe, queria que ela morresse, dizia que a odiava, quando queria jogar bola na rua e ela não deixava: “não se meta com marquinhos”, “não vá por ali por aquelas bandas, que é perigoso”, “não faça isso”, “não faça aquilo”, “você não é todo mundo”. mamãe foi meus pais. hoje sou todo mundo.

sinto dois mundos dentro de mim. seu mundo esquecido engole minha identidade. não há madeira queimada que volte a ser a mesma árvore. do pó ao pó, jogaram-me ao mar para competir luz com meus próprios abismos. existo. acelerem o tempo e isso não significará nada. escondi-me nas saias da mulher que hoje cuido, que hoje ajudo a reconstruir. e estou sem construções, sem independência. sou a morta mãe de mamãe que, no futuro, também será extinta pela garrida da memória. ✖

Jennifer Trajano (1996) é paraibana, natural de João Pessoa - PB, professora de língua portuguesa, revisora textual e autora do livro de poemas “Latíbulos” (Editora Escaleras, 2019). Já publicou em algumas antologias poéticas, a exemplo de “Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco” (2018) e “Cult Antologia Poética #3: poemas para fazer o luto desse tempo” (2020).

“Um escritor é sua cultura”

O QUE FAZ UM ESCRITOR DECLARAR QUE GOSTARIA DE SER OUTRO, SE, NA VERDADE, O QUE DESEJA É SER ELE MESMO, COM O COMPROMISSO CIDADÃO DE SER VOZ REPRESENTATIVA DO SEU LUGAR DE PERTENCIMENTO?



o poeta cubano Virgílio Piñera, a partir do que ele definiu como marca da Ilha a condição da “maldita circunstância da água por todos os lados”, o título dado por Padura ao seu livro expressa muitíssimo bem o que está na base das reflexões empreendidas nos ensaios aí reunidos: tratar de temas que, por sua natureza, estão diretamente relacionados ao aspecto de insularidade que define seu país, como, por exemplo, exílio e liberdade. E, para refletir sobre esses temas, o escritor discute tantas outras questões bastante significativas para o seu argumento e que, de uma maneira ou de outra, têm a ver com pertencimento e identidade (nacional).

Destaco o texto “Eu gostaria de ser Paul Auster”, na tradução e Stahel, pelo entendimento de que ele serve, dentro da obra, como um guia de leitura, tendo em vista que os ensaios, mesmo que discorram sobre os mais variados temas (cultura, literatura, música, insularidade, cidade, política, revolução, baseball etc.), têm alguns pontos em comum, e que podem ser lidos como alicerces para uma reflexão maior sobre o que vem ser *cubanía*. E o que isso tudo tem a ver com o fato de Padura declarar o desejo de ser Paul Auster?

Quem acompanha o escritor cubano Leonardo Padura lembrará que, sempre que concede alguma entrevista, é indagado sobre Cuba, a revolução cubana, repressão, os irmãos Castro, embargo, e por aí vai, ou seja, perguntam-lhe muito mais sobre o



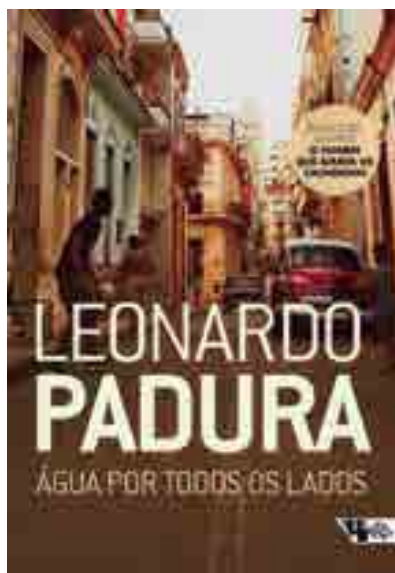
FOTOS: DIVULGAÇÃO

Em 2011, Leonardo Padura escreveu “Eu queria ser Paul Auster”. Podendo ser encontrado no site cubadebate.cu, no livro de crônicas *La Memoria e El Olvido*, disponível no site cubaensolfa.wordpress.com, o texto foi publicado, também, em *Água Por Todas Partes*, que no Brasil recebe o título de *Água Por Todos Os Lados*. Traduzido por Monica Stahel, o livro foi publicado pela Boitempo em 2020 e reúne ensaios de Padura, selecionados e editados por sua companheira, Lucia López Coll. Referenciando

▶ seu país, no que diz respeito aos rumos políticos, do que mesmo sobre literatura ou sobre seus projetos de escritor. A recorrência desse tipo de pergunta gerou a reflexão em que, ao se comparar com Auster, destacando que o mesmo não ocorre com o escritor estadunidense, ao qual se costuma indagar, particularmente, sobre literatura, Padura revela que gostaria, também, de poder falar sobre literatura durante as entrevistas. No entanto, o que se mostra, aparentemente, como um incômodo, representa uma motivação para uma reflexão mais ampliada que auxilia na revelação da dimensão do compromisso cidadão de escritor, de intelectual de seu tempo. Vejamos o que diz Padura no referido texto:

O curioso, no entanto, é que, embora muitas vezes eu tenha vontade de me transfigurar em Paul Auster, pelo fato de ser um escritor cubano esse desejo não me cabe: a vida de meu país, o que acontece em meu país e minhas opiniões sobre a sociedade em que vivo não podem ser distantes de mim. A realidade me obriga a lidar com um tempo em que, como escritor, carrego uma responsabilidade cidadã, e uma parte desta é (sem por isto ter de ser adivinho, sem ter de me distanciar das pessoas entre as quais nasci e cresci) deixar testemunho, sempre que possível, de arbitrariedades e injustiças quando ocorrerem – e de perdas morais que nos agridam, como certamente também faz Paul Auster quando os jornalistas o conduzem a esses temas: porque é um escritor verdadeiro e porque também ele deve ter uma consciência cidadã. (Água...p. 89).

“Ser cubano. Ser um escritor cubano. Ser um escritor cubano que vive em cuba”. (Água..., p. 229). Assim Padura abre a terceira parte do livro à qual ele dá o título de “Vocação e possibilidade”. E essa sequência progressiva de três condicionantes, denominada por Padura de “divina trindade”, justifica, em muita medida, as tais indagações dos jornalistas. Poderíamos acrescentar ainda a essas três condicionantes, uma quarta, destacada a seguir: ser um escritor cubano que vive em cuba e *que faz desse lugar o ambiente narrativo primordialmente representado em seus romances.*



Lançado em 2020, *Água Por Todos Os Lados* reúne ensaios de Leonardo Padura (página ao lado)

A partir dessa reflexão, compreende-se que os jornalistas não teriam como se desprender dessas condicionantes, já que elas se destacam quando se fala no nome do escritor, bem como na sua obra. Tudo isso porque Cuba tem essa capacidade de atrair os holofotes do mundo inteiro, especialmente, pela sua história no que vem ocorrendo nas últimas seis décadas. E, certamente, não só por isso. A forma como o escritor configura a representação de Cuba, como espaço narrativo, instiga essas indagações, porque o seu olhar sobre esse espaço, por ficcionalizado que seja, explora elementos de uma realidade factual, porque Padura tem verdadeira “obsessão” pela realidade, conforme declara em vários momentos do livro. E se, ao escrever, ele se apegava a essa realidade como um náufrago com “água por todos os lados”, ao ponto de ela vir para o cerne da fatura de sua narrativa, como força motriz que condiciona os demais recursos narrativos (tempo, personagem, narrador etc.), parece inevitável que o seu leitor acabe sendo contagiado por essa obsessão, ao ponto de querer conhecer ainda mais esse ambiente real, recriado ficcionalmente nos romances.

Daí, também, as perguntas dos jornalistas.

Esse introito, um tanto excessivo, é para reafirmar o que pretende Padura com seus romances e suas falas nos meios midiáticos: reforçar o seu sentimento de pertencimento ao lugar onde nasceu, vive e sobre o qual escreve. Como ele mesmo diz: *Com dolorosa frequência os jornalistas me perguntam por que fiquei na cidade, na ilha, talvez no confinamento. E minha resposta é sempre a mesma: apesar dos pesares, não sou outra coisa que não um escritor cubano e tenho necessidade de Cuba para escrever. Simples assim (Água...p. 21).*

Essa necessidade se expressa em sua obra na medida em que Cuba é espaço narrativo primordial. Basta lembrarmos que todas as histórias narradas nos romances de Padura se passam, essencialmente, em Cuba, mais especificamente na cidade de Havana. Digo essencialmente porque há aqueles romances em que parte (ou partes) de suas histórias são ambientadas em outras localidades como Amsterdã, em *Hereges*, Espanha e México, em *O homem que amava os cachorros*, Espanha, em *A transparência do tempo* etc., Mas, ainda assim, Cuba, como representação do espaço narrativo, é o que se destaca.

A segunda parte do livro, intitulada “Para que se escreve um romance”, como o título já anuncia, apresenta questões relacionadas ao seu processo de produção, ao passo que revela “obsessões” de escritor na criação de recursos narrativos como personagem e narrador, na construção de suas arquiteturas narrativas, e nas pesquisas realizadas. Tive a felicidade de acompanhar essas ideias, antes mesmo de sua publicação, durante *workshop* do escritor, promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação (SESC-SP), em novembro de 2016.

Essa parte do livro, assim como foi o *workshop*, é dedicada exclusivamente ao seu fazer literário, mas muito mais num sentido de compreender-se como escritor preocupado, em sua essência, com os efeitos de sua arte. Daí o título imbuído de um “para quê” ao invés de um “por quê”, ▶

► que seria mais interessante para os jornalistas e leitores de um modo geral. Na ideia de responder a esse “para quê”, Padura lança mão do termo “ideoestético” como finalidade do seu projeto artístico aliado a uma responsabilidade cidadã, “*pois o conceito e a vontade do artista como ser social, como ente civil com preocupações e responsabilidades, sobem a um nível de importância capaz de elucidar as mais diversas funções do exercício literário*”. (Água...P. 222)

É possível apreendermos desse conceito mais um elemento pelo qual se chega à base do que sustenta a argumentação de Padura, que, em linhas gerais, refere-se à construção de uma conceituação de *cubanía*, que define a identidade do seu povo. Para tanto o autor investe numa discussão sobre nacionalidade e independentismo, a partir de exemplos de artistas cubanos das mais diversas áreas, desde o século XIX. Compreende, assim, que a tradição artística e cultural, que auxilia na definição de *cubanía*, como construção de uma identidade nacional, também auxilia na reflexão sobre pertencimento. Daí a sua visão sintetizada na frase “*um escritor é sua cultura*”, na página 47 de Água...

Essas reflexões perpassam todos os ensaios reunidos no livro, mas é na terceira parte que o autor se dedica mais especificamente a elas, quando apresenta uma tradição literária (e cultural) que auxilia no entendimento do que ver a ser o conceito de *cubanía*. Em algum sentido, talvez no que se refere à construção de uma definição de identidade nacional, essa parte do livro lembra *A formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, essencial para quem deseja conhecer como a literatura brasileira se consolidou como sistema. Tal comparação decorre, não da extensão que ambos dão às suas respectivas explicações, mas ao que se coloca como finalidade no projeto dos dois intelectuais e que se refere à discussão sobre o que vem a ser literatura nacional: eminentemente brasileira, para um, e eminentemente cubana, para o outro.

Um dado que chama atenção em ambos é a quase inexistência

de referência a escritas de autoria feminina. Sabemos que Brasil e Cuba compartilham alguns elementos comuns em sua formação como nações, dado o caráter de colônia em que se constituíram. Tais elementos aparecem em sua arte e em sua cultura, de um modo geral, e, para além dos condicionamentos políticos e sociais de cada um, muito diferentes diga-se de passagem, revelam um *modus vivendi* parecido. São povos que trazem em sua formação bases étnicas comuns que se expressam em elementos culturais que vão desde as suas religiosidades até a culinária cultivada por cada um. Será que o que explica a quase inexistência de referência às mulheres escritoras em um explicaria no outro?

Muitas e diversas são, enfim, as questões trazidas por Leonardo Padura para o centro de suas reflexões em Água por todos os lados. Não cabe a essa resenha dar conta de todas elas. Por isso o recorte foi dado a alguns conceitos considerados importantes para um entendimento mais amplo do escritor, da sua obra e das motivações que o levaram a escrever e publicar este livro.

Esses ensaios podem ser vistos como respostas àquelas indagações de jornalistas que tanto inquietam o escritor. As respostas, nessa forma ensaística, justificam-se quando entendemos que é ao ensaio, como gênero textual, que cabe esse tipo de reflexão, nessa possibilidade do aprofundamento, adotando um movimento de linguagem que permite ao escritor transitar entre o subjetivismo lírico e o explicitamente objetivo, a partir da qual se pode expressar ideias e impressões pessoais aliadas a dados históricos ou ao meramente documental. Ao escolher essa forma textual, Padura também já revela o estado do seu compromisso, pois, como diz Adorno, “o ensaio reflete o que é amado e odiado, em vez de conhecer o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma irrestrita moral do trabalho. Felicidade e jogo lhe são essenciais”. (*Notas sobre literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Ci-

dades; Ed. 34, 2003.

Se felicidade e jogo são essenciais à forma do ensaio como meio de conhecimento e reflexão, Água por todos os lados é um livro que, ao tratar da relação de um escritor com o lugar, ajuda-nos a pensar a nossa relação com o nosso lugar. A possibilidade desse jogo especular talvez tenha sido o que mais me chamou atenção nesse livro e que me conduziu, também, para uma compreensão do papel do escritor como intelectual importante no debate sobre as questões da sociedade em que vive.

Leonardo Padura tem demonstrado, tanto por sua obra ficcional, quanto por suas falas e, agora, por esses ensaios, o seu compromisso com a discussão de temas que são muito caros, não só a ele, mas a toda a sociedade cubana da qual faz parte e a todo estrangeiro que pretenda o desprendimento de se ver no outro ou de ver o outro a partir do que existe em si, dos seus valores, dos seus princípios éticos, da sua cultura.

Esse outro, apresentado no e por Leonardo Padura, é humano por excelência, com todas as suas inquietações, seus incômodos, seus amores, seus ódios, suas nostalgias etc. Esses sentimentos são observados pelo escritor em sua relação com o lugar a que pertence e que tem como marca indelével o fato de ser banhado pelas águas salgadas do Caribe em todas as suas partes.

Se de qualquer lugar da Ilha o que se vê é água, o exercício de olhar esse mar, impresso nas páginas desses ensaios, é uma forma, também, de olhar para si, pois, como diz o próprio Padura: *Quem opta por se acomodar de frente para o mar quase sempre se dedica a olhar para dentro de si mesmo, enquanto observa a superfície plana ou encrespada do oceano, um eterno mistério, promissor como todos os enigmas*. (Água...p. 37). ■

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Aonde quer que eu vá

Herbert Vianna / Paulo Sérgio Valle

Olhos fechados
Pra te encontrar
Não estou ao seu lado
Mas posso sonhar

Aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá

Não sei bem certo
Se é só ilusão
Se é você já perto
Se é intuição

Aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá

Longe daqui
Longe de tudo
Meus sonhos vão te buscar
Volta pra mim
Vem pro meu mundo
Eu sempre vou te esperar

Não sei bem certo
Se é só ilusão
Se é você já perto
Se é intuição

Aonde quer que eu vá
Levo você no olhar
Aonde quer que eu vá
Aonde quer que eu vá



*Através do QR Code acima,
ouça a canção 'Aonde
quer que eu vá' em uma
performance ao vivo de Os
Paralamas do Sucesso*

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

Interpretação

1 - O eu lírico mesmo estando distante da pessoa amada, sempre consegue encontrá-la e a personifica em sonhos. Ex: "Olhos fechados / Pra te encontrar / Não estou ao seu lado / Mas posso sonhar..."

2 - O advérbio "aonde" ("Aonde" indica movimento. Aonde você vai? Onde você mora?), mostra que em qualquer lugar o pensamento na pessoa amada está estampado no rosto do eu lírico, como uma forma de nunca esquecê-la. Ex: "Aonde quer que eu vá / levo você no olhar..."

3 - A dúvida ronda os pensamentos do eu lírico, que faz um jogo anafórico (repetição nos primeiros versos), e a expressão "se" dá uma ideia de dúvida. Ex: "Não sei bem certo / Se é só ilusão / Se é você já perto / Se é intuição..."

4 - O eu lírico reafirma seu encontro com a pessoa amada dizendo que irá buscá-la em seus sonhos, longe de tudo que ele vive no mundo material. Nesse instante, ele sempre irá esperar por ela. Ex: "Longe daqui / Longe de tudo / Meus sonhos vão te buscar / Volta pra mim / Vem pro meu mundo / Eu sempre vou te esperar."



O paraibano Herbert Vianna (foto) é coautor da música 'Aonde quer que eu vá', parceria com Paulo Sérgio Valle

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018)



Homem no parque

O homem circula no parque e observa os brinquedos. E quer brincar. Quer muito brincar. Ter asas, pedalar, dirigir – vencer a roda-gigante. O homem gosta muito mesmo de brinquedos. E é visto girando no cavalo que se ergue e baixa, revolvendo a poeira do chão. O homem adora o cavalo – e morde a brisa cheirando a churros. E ri, todo mundo vê que o homem ri e que não tem dentes. E depois, ao seu jeito, quebrando-as com as gengivas, come pipocas. Bebe refrigerante. Em seguida, dissolve-se na língua dele um algodão doce. E homem e é criança. E não tem dentes. E tem um parque instalado em seu paladar. ✦



Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura
e professor da Universidade
Federal da Paraíba. Mora em João
Pessoa (PB).

JORNAL A UNIÃO,
O ÚNICO EM
SUAS MÃOS.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.



A UNIÃO



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

©SESC

CUIDA DO SEU SORRISO



Agende sua consulta.
Segunda a sexta | 07h às 19h
(83) 3241-3494 / (83) 99996-0092

